



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Mestrado em Educação Especial
Especialização no Domínio Cognitivo e Motor

Boas Práticas na inclusão de um Aluno com Paralisia
Cerebral

Joana Isabel Guardiano Figueiredo

Beja, outubro de 2015

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Mestrado em Educação Especial

Especialização no Domínio Cognitivo e Motor

**Boas Práticas na Inclusão de um Aluno com Paralisia
Cerebral**

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Beja para a
obtenção do grau de Mestre.**

Elaborado por:

Joana Isabel Guardiano Figueiredo

Orientado por:

Mestre/Especialista Adelaide Espírito Santo

Beja, outubro de 2015

Epígrafe

“ Se falares a um homem numa linguagem que ele compreenda, a tua mensagem entra na sua própria cabeça. Se lhe falares na sua própria linguagem, a tua mensagem entra-lhe diretamente no coração. ”

Mandela, Nelson

“ A Educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês se torna médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe da mina, que o filho de trabalhadores rurais pode chegar a presidente de uma grande nação. ”

Mandela, Nelson

Dedicatória

- Gostaria de dedicar este meu projeto a toda a minha família (marido e filho) que me apoiou incondicionalmente, motivando-me nas horas em que queria desistir e compreendendo cada momento de ausência.
- Gostaria de dedicar este meu projeto a todos os meus amigos, em especial à minha amiga Ana Brito que muitas vezes me abanou e carregou nos braços;
- Gostaria de agradecer acima de tudo e de todos à minha mãe, verdadeiro exemplo de força, coragem e persistência e ao meu querido pai que iniciou comigo esta caminhada e que infelizmente não a pôde comigo terminar. Porém sempre me motivou até ao seu último minuto fazendo-me prometer que terminaria mais uma etapa da minha vida. Muito obrigada

Agradecimentos

Este projeto foi realizado num período bastante conturbado da minha vida, contudo tive o privilégio de usufruir do apoio e ajuda de várias pessoas. Sem a presença e o precioso contributo destas pessoas jamais teria concluído este meu projeto.

Assim sendo, gostaria de prestar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a sua conclusão.

- À minha família e amigos pelo seu apoio incondicional;
- Aos meus professores que partilharam comigo muito do seu conhecimento e sabedoria;
- À professora Adelaide Espírito Santo que me orientou e apoiou, sendo a sua ajuda fundamental na concretização deste projeto.
- À professora titular de turma, ao professor de educação especial, aos professores de atividades de enriquecimento curricular, à auxiliar de educação e ao encarregado de educação do aluno da escola onde realizei o meu estudo de caso.
- Ao meu pai, que mesmo não estando fisicamente presente, foi a minha grande força e motivação para concluir este meu projeto.

A todos os meus sinceros agradecimentos. Muito Obrigada!

Resumo

Espera-se que a inclusão de crianças com paralisia cerebral seja uma realidade, pois todos têm o direito a uma educação de qualidade e à igualdade de oportunidades, sejam quais foram as necessidades de cada uma e os seus interesses.

Porque as necessidades de um aluno com Paralisia Cerebral são muito específicas, o presente estudo versa a problemática da implementação de boas práticas na inclusão de um aluno com essa problemática, numa escola do 1º ciclo do ensino regular do distrito de Beja.

Utilizou-se como técnica de recolha de dados a observação naturalista (sala de aula, atividades extra curriculares, recreio, refeitório) e a entrevista semidiretiva à equipa educativa (docente titular de turma, docente de educação especial, docentes das atividades de enriquecimento curricular, auxiliares de educação, e encarregado de educação).

Com base na metodologia de estudo de caso foi possível verificar que as boas práticas que permitem que o aluno desempenhe um papel ativo na escola e nas atividades desenvolvidas pela mesma consistem: na cooperação entre os vários elementos da equipa educativa (da qual faz parte o encarregado de educação) e comunidade escolar; na adaptação das atividades às competências do aluno, na sensibilização dos alunos para a valorização das competências do seu colega com PC.

As práticas descritas são assumidas pelos participantes como promotoras da inclusão do aluno.

Palavras- chave – Inclusão, Boas Práticas de Inclusão, Paralisia Cerebral, Participação.

Abstract

It is expected that the inclusion of children with cerebral palsy is a reality, because everyone has the right to quality education and equal opportunities, no matter what were the needs of each and their interests.

Because the needs of a student with cerebral palsy are very specific, this study regards the problem of implementation of good practices in the inclusion of a student with this problem, in a school of the 1st regular education cycle Beja district.´

It was used as a technique for data collection naturalistic observation (classroom, extracurricular activities, recreation, canteen) and the semi-directive interview with the school team (teaching class holder, professor of special education, teachers of enrichment activities curriculum, teaching assistants, and parent or guardian).

Based on case study methodology it was verified that the best practices that allow the student to play an active role in the school and in the activities developed by the same consist of: cooperation between the various members of the educational team (which is part of the charge education) and the school community; in adapting activities to the skills of the student, the awareness of students to the enhancement of the skills of his colleague with CP.

The practices described are assumed by the participants as a promoter of inclusion of the students.

Key words - Inclusion, Good Inclusion Practices, Cerebral Palsy, Participation.

Índice Geral

Epígrafe	
Dedicatória	
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Abreviaturas	
Introdução	12
Capítulo I – Enquadramento Teórico	14
1. Inclusão e Educação Inclusiva	15
1.1 A razão da Inclusão	15
1.2 Fatores para a Educação Inclusiva	19
1.3 Inclusão da criança com diferentes problemas associados	21
2. A Paralisia Cerebral	25
2.1 Conceito e Evolução da Paralisia Cerebral	25
2.2 Etiologia da Paralisia Cerebral (causas, tipos e graus da paralisia cerebral)	26
2.3 Os pais e a criança com Paralisia Cerebral	29
2.4 A criança com Paralisia Cerebral – Intervenção Transdisciplinar	31
2.5 A escola e a criança com Paralisia Cerebral	33
2.6 Modalidades de apoio e estratégias de ensino a crianças com Paralisia Cerebral	35
3. Comunicação Aumentativa/ Alternativa	37
3.1 Linguagem e Comunicação	37
3.2 Comunicação Aumentativa/ Alternativa	38
3.3 Tecnologias de Apoio	41
Capítulo II – Estudo Empírico	45
1. Problemática e sua Contextualização	46
2. Questões e objetivos da investigação	48
2.1 Metodologia e modelo de investigação	48
3. Participantes	51
4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	53
4.1 Entrevista	53

4.2 Observação Naturalista	54
4.3 Análise Documental	55
5. Tratamento dos Dados	56
6. Apresentação e Discussão dos Resultados	57
6.1 Reflexão dos Dados Apresentados	76
7. Proposta de Intervenção	78
Considerações Finais	82
Referências Bibliográficas	84
Apêndices	88

Índice de Apêndices

Apêndice I – Análise do Protocolo das Observações Naturalistas	88
Apêndice II – Guião das Entrevistas	94
Apêndice III – Análise das Entrevistas	127

Abreviaturas

N.E.E – Necessidades Educativas Especiais

L.B.S.E – Lei de Bases do Sistema Educativo

P.C – Paralisia Cerebral

A.E.C – Atividades de Enriquecimento Curricular

Introdução

A inclusão de crianças com paralisia cerebral deve ser uma realidade, pois todos têm o direito a uma igualdade de oportunidades.

Assim sendo, é um grande desafio para os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico desenvolverem uma metodologia e uma pedagogia capaz de educar com êxito todos os alunos, incluindo os alunos com paralisia cerebral.

É fundamental encontrar estratégias que permitam ao aluno com paralisia cerebral uma plena inclusão e uma participação ativa e autónoma na vida escolar, assim como refletir sobre as práticas educativas dos professores.

Sendo a educação um direito para todos, a escola e os seus agentes educativos devem ter a responsabilidade de proporcionar aos alunos com paralisia cerebral uma educação de qualidade, valorizando as suas necessidades e capacidades o mais precocemente possível.

A origem deste estudo de caso está relacionada com a possibilidade que tive de trabalhar com uma criança com paralisia cerebral que se encontrava, a meu ver, verdadeiramente incluído na sua turma e escola. Assim sendo surgiu em mim um grande interesse e curiosidade em analisar quais as boas práticas na inclusão do aluno com paralisia cerebral, o que constituiu o principal objetivo deste estudo de caso.

O estudo desenvolveu-se numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico do distrito de Beja, pela natureza da problemática foi seguida uma abordagem qualitativa. Entrevistouse a docente titular de turma, o docente de educação especial, os docentes das atividades de enriquecimento curricular, o encarregado de educação do aluno e a auxiliar de educação, observou-se a turma e a professora titular de turma do aluno com paralisia cerebral, assim como alguns intervalos e o período de refeições do mesmo.

O presente estudo está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo é referente ao enquadramento teórico onde se aborda as temáticas da inclusão e educação inclusiva; inclusão da criança com paralisia cerebral; o conceito e evolução da paralisia cerebral; etiologia da paralisia cerebral; a intervenção transdisciplinar; os pais e a criança com paralisia cerebral; a escola e a criança com paralisia cerebral; modalidades de apoio e estratégias de ensino a crianças com paralisia cerebral; linguagem e comunicação;

comunicação aumentativa/alternativa; tecnologias de apoio e atendimento ao aluno com paralisia cerebral.

O segundo capítulo expõe o estudo de caso, no qual é apresentado a problemática de investigação, os objetivos, os participantes e a metodologia.

Por fim apresenta-se as considerações finais acerca dos objetivos que orientam a investigação e as suas implementações.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.Inclusão e Educação Inclusiva

1.1. A razão da Inclusão

“A ideia de Inclusão nasce relacionada com a forma como a sociedade foi encarando as pessoas deficientes (...) ”

(Serra, 2008, p.5)

Ao longo dos anos o conceito de Inclusão tem vindo a sofrer alterações, visando responder às necessidades das pessoas com Necessidades Educativas Especiais.

Serra (2008) refere que anteriormente ao ano de 1976, os alunos com N.E.E eram excluídos do ensino. As crianças e adolescentes com N.E.E permanentes em idade escolar (excetuando casos de alunos com deficiência visual) eram colocados em classes especiais de escolas regulares, ou em escolas especiais ou ainda em Institutos Particulares de Solidariedade Social.

A partir da segunda metade da década de 70 a maior preocupação das sucessivas reformas educativas incidiu na procura de assegurar que os alunos com N.E.E pudessem vir a frequentar escolas regulares. De acordo com esta preocupação iniciou-se um processo que procurou criar escolas integradoras. Numa primeira fase estas integrações eram de caráter físico, promovendo aos alunos com N.E.E apoios específicos e adequados às suas necessidades.

Segundo Correia (2003) numa primeira fase a integração física nas escolas regulares teve um grande impacto alterando a forma como os alunos com N.E.E eram educados, impulsionando a sua entrada nas escolas de ensino regular.

Posteriormente, esta entrada nas escolas de ensino regular, viria a dar lugar a interações entre os alunos com N.E.E e os alunos sem N.E.E, garantindo o acesso aos ambientes sociais das classes regulares e evoluindo para uma fase de integração social para as pessoas com N.E.E.

A integração social oferece aos alunos com N.E.E a possibilidade de beneficiar de um ensino mais individualizado no que se refere às áreas académicas, juntando-se aos colegas sem N.E.E em algumas áreas específicas.

Perante as referidas evoluções inicia-se uma nova fase, a Integração Académica das pessoas com N.E.E., tendo por base o acesso cognitivo à classe regular por parte dos alunos com problemáticas ligeiras. (Correia, 2003)

Progressivamente surge a necessidade de construir uma Escola Inclusiva, onde todos os alunos aprendessem juntos, independentemente das suas limitações e diferenças.

Após a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), em 1986, assiste-se a transformações na conceção da integração, dado que no artigo 2º, esta lei refere que *“todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República”* e o artigo 7º que refere que a comunidade escolar deve *“assegurar às crianças com N.E.E. devidas, designadamente a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades”*.

Com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), cujo artigo 18º aponta para a implementação de modalidades diversificadas de integração em estabelecimentos de Ensino Regular com o apoio de educadores especializados, dá-se a criação de Equipas de Educação Especial em escolas do ensino regular.

Na sequência da referida LBSE foi publicado o decreto de Lei nº 35/90 que estabelece no artigo 2º que tal como as outras crianças, *“as crianças com N.E.E. resultantes de deficiências físicas ou mentais, estão sujeitas ao cumprimento da escolaridade obrigatória, não podendo ser isentas da sua frequência, a qual se processa em estabelecimentos regulares de ensino ou em instituições específicas de educação especial”*.

A partir dos anos 90, diversos documentos a nível internacional tentaram promover os princípios da Educação Inclusiva.

Em agosto de 1991, no nosso país, surge o Decreto de Lei nº 319/31 que visa introduzir o conceito de Necessidades educativas Especiais, baseando-se em critérios pedagógicos e procura da resposta a três direitos fundamentais da criança: o direito à educação, o direito à igualdade de oportunidades e o direito de participar na sociedade.

O dito Decreto-Lei refere ainda, que a educação das crianças com N.E.E deve processar-se por meio menos restrito possível, ou seja, em estabelecimentos de ensino regular públicos.

Definem-se assim, um conjunto de medidas integradoras a serem aplicadas aos alunos com N.E.E integradas no seu Plano Educativo Individual: adaptações materiais e curriculares, adequações nas turmas, criação de equipamentos especiais de compensação e condições especiais de apoio e de avaliação. Todas estas medidas tinham como objetivo fomentar a integração de todos os alunos.

Porém, é com a Declaração de Salamanca, assinada em 1994, por representantes de 92 governos (incluindo o de Portugal) e de 25 organizações internacionais, que são clarificadas as orientações para que os países desenvolvessem esforços no sentido de promover uma Escola Inclusiva.

Segundo a Unesco, (1994) as escolas regulares, com orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes mais discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo uma educação para todos. Estas escolas proporcionam ainda, uma educação adequada à maioria das crianças, promovem a eficiência, numa ótima relação custo – qualidade, de todo o sistema educativo.

Em 3 de janeiro de 2008, saiu em Diário da República, o mais recente Decreto-Lei visando novas medidas da “ Escola Inclusiva e Ensino Especial”.

O referido documento visa a criação de condições para a adequação do processo educativo às Necessidades Educativas Especiais dos alunos com limitações ou incapacidades, estabelecendo como objetivos o acesso à escola, o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a igualdade de direitos e oportunidades, promovendo uma preparação adequada para uma vida profissional e social ativa.

São ainda definidos os direitos e deveres dos pais/encarregados de educação, sendo fundamental a sua cooperação e participação ativa na vida da pessoa com N.E.E.

As medidas educativas de Educação Especial são também destacadas, sendo consideradas fundamentais, nomeadamente: apoio pedagógico personalizado, currículo

específico adequado e individualizado, adequações no processo de avaliação e matrícula e utilização adequada de tecnologias de apoio.

“Assumir que todos os alunos aprendem juntos e que têm direito à educação, independentemente das suas dificuldades e diferenças, é a conceção da Escola Inclusiva” (Lima-Rodrigues 2007. p.28)

Cada vez mais a escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, existindo assim, uma constante necessidade de criar novos interesses, motivar, explorar e enfrentar novos desafios, adaptando-se a diferentes situações e criando recursos necessários que possibilitem acompanhar e satisfazer as conveniências e necessidades de todos os seus alunos, especialmente os que têm Necessidade Educativas Especiais.

“ A Escola Inclusa é a que se preocupa com todos os alunos que, independentemente do motivo, experimentam barreiras à participação e à aprendizagem, com o objetivo de equipar todas as pessoas com habilidades necessárias para construírem sociedades inclusivas.” (Booth e Ainscow, 2002. P37)

O aparecimento da escola inclusiva, oferece às crianças com N.E.E a visibilidade necessária para que possam ser vistas e consideradas seres humanos com a mesma igualdade de direitos e de oportunidades que os restantes.

“... o que é bom para os alunos com Necessidades Educativas Especiais, é bom, para todos os outros.” (European Agency for Development in Special Needs Education, 2005C, p.4)

Enquanto a escola tradicional direciona os alunos com N.E.E para a avaliação de especialistas, a escola inclusiva procura promover uma verdadeira inclusão do aluno com N.E.E.

Assim sendo, a escola inclusiva visa a integração das crianças com N.E.E em ambiente normal de escola, promovendo uma escola para todos, onde o respeito pela diferença e a igualdade de oportunidades seja uma realidade constante, destacando como principal objetivo o respeito e a valorização da diversidade e como consequência o corte com os valores incutidos pela educação tradicional.

1.2. Fatores para a Educação Inclusiva

“ *A Educação Inclusiva, apresenta-se como uma evolução da Escola Integrativa.*” (Rodrigues, D. 2000 p.59)

Na tentativa de dar resposta às necessidades de uma escola inclusiva, devem ser criadas condições para que todos possam participar ativamente na vida escolar, tendo sempre em conta as necessidades, limitações e potencialidades a desenvolver por em cada aluno.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994) é fundamental que seja feita uma intervenção precoce, especializada e individualizada promovendo um desenvolvimento global e harmonioso do aluno, contando com a envolvimento e cooperação da família e de toda a comunidade.

Segundo Brandão (2007), é imprescindível a parceria entre pais/ encarregados de educação e professores, para a construção de comunidade inclusivas.

Brandão defende ainda que a comunicação com os pais/ encarregados de educação é imprescindível para o envolvimento ativo destes nas atividades pedagógicas, na promoção do desenvolvimento e da inclusão social dos seus filhos, devendo os professores fornecer informações adequadas e úteis, visando uma maior dinâmica quer a nível familiar, quer a nível do processo educativo dos alunos.

Na procura de dar resposta a uma escola verdadeiramente inclusiva, surge em Portugal o Decreto-lei 3/2008 visando reforçar as anteriormente existentes.

Assim sendo é dado um grande realce à Educação Especial em Portugal, valorizando a igualdade de oportunidades e direitos de ensino e incentivando a implementação de uma política de prevenção, tratamento, reabilitação e integração das crianças com N.E.E.

Segundo David Rodrigues (2000), a Educação Inclusiva aposta na escola como comunidade educativa, contemplando um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos.

O autor defende ainda que a escola inclusiva reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhes sentido, dignidade e funcionalidade.

É fundamental que nas salas de aula exista um ambiente inclusivo em que o professor tenha consciência das necessidades de cada aluno, consiga conhecer e responder aos vários ritmos de trabalho e de aprendizagens, organize a sala de forma flexível e equilibrada, use estratégias pedagógicas inovadoras, promova uma total cooperação e respeito pela diferença entre todos os alunos.

Currículo e inclusão

De acordo com Mutaner (2000) a implementação de um currículo flexível que se adeque às necessidades de cada aluno e que ofereça estratégias alternativas que se adaptem às diferentes capacidades e níveis de aprendizagem, deve ser um dos primeiros procedimentos a realizar no processo de ensino-aprendizagem na escola inclusiva.

O termo currículo surgiu no século XVII, porém apenas nos finais da Primeira Guerra Mundial os currículos se constituem para preparar pessoas no campo da educação.

Segundo Perez & Lopez (1992), o primeiro autor a dar destaque ao currículo foi Bobbit, tendo utilizado este conceito na sua obra “ The Curriculum” em 1918.

Encontrar uma definição concreta para currículo é difícil, ao revermos a literatura é possível encontrar várias definições que diferem tanto a nível da forma como a nível de conteúdo. No entanto, segundo Perez & Lopez (1992) verifica-se que ao longo dos tempos existem algumas alterações que correspondem ao paradigma predominantemente em que são formuladas: o comportamental, o cognitivo, o ecológico, entre outros.

Ribeiro (1990) considera que o currículo é o cerne do sistema educativo, na medida em que procura dar respostas ao que pode e deve ser aprendido e ensinado na escola.

Koliadis (2000) defende ainda que o currículo, na escola, constrói-se organizando os recursos humanos e materiais de modo a alcançar os objetivos propostos, de modo sistemático e progressivo, considerando como princípios básicos em permanente interação: as metas, os conteúdos, a metodologia e a avaliação.

Mutaner (2000) reforça ainda, que é fundamental fomentar um currículo flexível, que se adeque às diferentes necessidades dos alunos, procurando estratégias alternativas que permitam a sua adaptação às diferentes capacidades e níveis de aprendizagem,

A flexibilidade curricular pressupõe a aplicação e adaptabilidade do currículo às necessidades e características de cada um, através de um conjunto de medidas denominadas por adaptações curriculares (Correia, 2001).

Correia (2005) refere ainda, que as adaptações curriculares são suplementos ou alterações ao currículo, com os quais se pretende maximizar o potencial do aluno.

Assim sendo, deve considerar os interesses, possibilidades e ritmos de cada criança, assumindo um papel de destaque no trabalho desenvolvido com crianças com N.E.E.

Segundo Monreal et Al. 1995) as adaptações do curriculares potencializam a participação ativa dos alunos com N.E.E na dinâmica de sala de aula, pois são programadas a partir do currículo comum desenvolvido na sala de aula.

Os professores e a escola desempenham um papel fundamental no que concerne à aplicação e desenvolvimento do currículo.

Zabalza (1994) refere que cabe à escola definir prioridades e adaptar o currículo em contexto institucional, enquanto o professor o deve adaptar às características e necessidades de cada aluno, colocando-o em prática de forma adequada.

1.3. Inclusão da criança com diferentes problemas associados

Sendo a educação um direito para todos, também as crianças com mais do que uma problemática devem usufruir plenamente deste direito.

Segundo Muñoz *et al* (in Bautista, 1997), seguindo uma orientação inclusiva, as escolas regulares têm um papel determinante no combate a atitudes discriminatórias, procurando criar comunidades abertas, solidárias e inclusivas onde o maior objetivo a desenvolver seja um sistema educativo que contemple todos de forma igual.

Na procura de dar resposta a este objetivo, a inclusão pressupõe a inserção dos alunos com problemas múltiplos onde devem receber todos os serviços educativos, destacando um currículo diversificado, adequado às características e necessidades de cada um, contando com o apoio e colaboração de todos os agentes educativos.

Seguindo esta linha o Decreto – Lei nº3/2008, de 7 de janeiro, tem por base a qualidade de um ensino orientado para o sucesso de todos os alunos, desenvolvendo uma escola inclusiva, onde sejam privilegiados os valores e instrumentos essenciais para uma igualdade de oportunidades.

O processo de ensino- aprendizagem deve ser organizado e estruturado visando privilegiar o desenvolvimento geral do jovem ou criança com problemas, assim como, envolver uma equipa de profissionais que desenvolvam um trabalho no sentido de atenuar as dificuldades da criança/ jovem, tornando-se fundamental criar áreas que promovam o desenvolvimento da criança e que beneficiem a sua locomoção, conforto, segurança e comunicação.

É primordial que o aluno se sinta incluído na sala de aula, pelo que este deve gostar e sentir-se aceite pelo seu professor e pelos seus colegas.

O professor desempenha um papel de destaque, é o mediador principal entre todos os intervenientes, promovendo um bom ambiente, estabelecendo relações positivas, resolvendo conflitos e diferenças, destacando e reforçando atitudes positivas.

É urgente que as escolas tomem consciência da importância de dar respostas adequadas a todos os alunos, independentemente das suas N.E.E, deixando de ser seletivas e passando a ser inclusivas.

Segundo Souza (2005) a escola surge como um núcleo protetor onde, com a ajuda de todos, podemos criar um ambiente efetivamente inclusivo através da ajuda de todos os intervenientes. A sociedade por vezes é cruel ao olhar para uma pessoa com um conjunto de características diferentes das de “pessoas reconhecidas socialmente como «normais» ou seja, com saúde” identificando-a como “não normal / não eficiente” ou seja deficiente.

É importante que a escola inclua sem que exista diminuição da qualidade de ensino. A atenção à diversidade deve ser uma realidade.

A escola deverá, ainda, proporcionar ao aluno com paralisia cerebral, apoio direto e constante de uma equipa Multidisciplinar composta por professores/ educadores, encarregado de educação, técnicos e profissionais de saúdes especializados.

Quando falamos de crianças com mais do que uma problemática é fundamental que a referida equipa Multidisciplinar tenha uma posição ativa e dinâmica, motivando e estimulando a criança com paralisia cerebral.

É fundamental que a criança desenvolva ao máximo a sua maturidade e as suas competências.

Para que este processo possa ser bem-sucedida a equipa Multidisciplinar deve elaborar um plano de intervenção adequado à criança.

Segundo Muñoz *et al* (in Bautista, 1997) a equipa Multidisciplinar deve realizar a anamnése, recolhendo informação sobre a história do parto, desenvolvimento da criança, nível de regressão, alimentação, saúde entre outros aspetos considerados relevantes.

Seguidamente a equipa Multidisciplinar deverá realizar um diagnóstico sobre o estudo da capacidade intelectual, nível de comunicação, personalidade, desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Após a conclusão desta etapa deve ser realizada uma análise ao espaço escolar, especialmente à sala de aula onde o aluno será colocado. Todas as adaptações requeridas de infraestruturas e materiais adaptados devem ser devidamente estudadas e analisadas. Este processo, que inclui as adaptações necessárias de acordo com as suas necessidades individuais, a organização escolar que permita a igualdade de aprendizagem, metodologias diferenciadas, conteúdos curriculares e materiais adequados, irá permitir que o aluno com paralisia cerebral se sinta incluído e possa usufruir de um ensino de qualidade.

O aluno deverá ainda participar em todas as atividades escolares usufruindo também do apoio da terapia ocupacional, terapia da fala e fisioterapia.

Todo o processo de avaliação do desenvolvimento e aprendizagem do aluno em ambiente escolar deve ficar ao cuidado da equipa de Multideficiência. Esta avaliação deve ser flexível, contínua e qualitativa.

É essencial analisar a forma como a criança aprende e desenvolve as suas competências, visando a procura de estratégias de trabalho mais adequadas.

No que concerne às crianças com diferentes problemas associados também as tecnologias são um elemento de trabalho bastante favorável, que se encontram em constante evolução e ao seu dispor. Estas podem facilitar o desenvolvimento da criança, possibilitando uma comunicação mais fácil e “fluente” tornando-se um suporte que promove a inclusão quer a nível escolar, quer a nível social.

2. A Paralisia Cerebral

2.1. Conceito e Evolução da Paralisia Cerebral

O conceito de paralisia cerebral foi desde sempre alvo de várias definições e opiniões por parte de vários autores.

Freud (1897) associou a expressão “Paralisia Cerebral” a “ Paralisia Cerebral Infantil”, dando a entender que o paciente acometido por ela ficava imobilizado. Contudo, foi possível verificar que tal apenas acontecia numa parcela de pacientes, como efeito progressivo da hipertonía (excesso de tónus muscular), devido à gravidade da lesão ou quando há inadequação ou ausência de fisioterapia.

Aircardi (1992), definiu a paralisia cerebral como sendo, uma alteração persistente do movimento e da postura, causada por um processo patológico no cérebro imaturo; isto ocorre desde o período pré-natal até aos 3 / 4 anos de idade.

Bobath (1996,p.1) define paralisia cerebral como, ” *o resultado de uma lesão ou mau desenvolvimento do cérebro, de carácter não progressivo e existente desde a infância. O défice motor encontra expressão em padrões anormais da postura e do movimento, em associação a um tónus postural anormal. A lesão que está presente no cérebro quando este ainda é imaturo interfere com o desenvolvimento motor normal da criança.*”

A definição mais utilizada para paralisia cerebral surgiu na década 40 / 50 por parte de Cahuzac, 1985 (citado por Muñoz & Suárez, 1997, p 17), sendo que a paralisia cerebral distingue-se por: “*desordem permanente e não imutável da postura e do movimento, devido a uma disfunção do cérebro antes que o seu crescimento e desenvolvimento estejam completos.*)

Assim sendo, o termo paralisia cerebral emprega-se como uma perturbação do controlo neuromuscular da postura e do equilíbrio, resultante de uma lesão encefálica não progressiva que ocorre antes, durante ou pouco depois do parto. Não é uma doença, mas sim uma patologia.

Trata-se de uma lesão irreversível, cujas sequelas podem ser atenuadas quando mais precoce e oportuna for a intervenção.

Em consequência, a marcha e o uso dos membros superiores, os sentidos, a linguagem e a inteligência podem estar cumulativamente afetados, em graus diferentes num ou alguns destes aspetos.

A paralisia cerebral é caracterizada por uma modificação dos movimentos controlados posturais dos pacientes, ocorrendo cedo, sendo secundária a uma lesão, danificação ou disfunção do sistema nervoso central e não é confirmado como resultado de uma doença cerebral progressiva ou degenerativa. Esta lesão pode ocorrer no período pré, peri ou pós-natal.

O processo de avaliação da paralisia cerebral é geralmente baseado no desenvolvimento da criança dita normal, porém, disto não decorre que a avaliação e o tratamento devam depender unicamente dos estágios de desenvolvimento normal.

Mesmo crianças normais podem apresentar muitas variações das sequelas de desenvolvimento normal e dos padrões de desenvolvimento estabelecidos para a criança média.

Tal como as restantes crianças, também a criança com paralisia cerebral mostrará variações adicionais em virtude das dificuldades neurológicas e mecânicas.

2.2. Etiologia da Paralisia Cerebral (causas, tipos e graus da paralisia cerebral)

A Paralisia Cerebral é uma patologia provocada por uma lesão cerebral, que pode ocorrer antes, durante ou pouco depois do parto.

Esta conceção é também defendida e especificada por Juan Muñoz *et al* (in Bautista, 1997), referindo que cerca de 50% destas perturbações são resultado de uma lesão cerebral adquirida no ventre materno. Cerca de 30% poderão advir de complicações no parto e quanto às causas pós-natais, estas poderão estar na base de cerca de 10% dos casos.

As causas para a existência de Paralisia Cerebral são variadas, exclui-se a base genética e portanto, a possibilidade de transmissão de pais para os filhos. Trata-se quase sempre de fatores exógenos, e portanto, exteriores ao cérebro da criança embora em muitos casos a sua etiologia seja desconhecida.

As causas mais comuns das lesões que ocorrem durante a gestão ou durante o parto são: infecções maternas como a SIDA, rubéola, herpes, etc; a exposição a toxinas químicas como o álcool, as drogas, o tabaco e as drogas não prescritas por médicos e lesões na mãe grávida. A idade materna está também associada, com risco aumentado para mães abaixo de vinte anos e acima de trinta e quatro anos. A prematuridade e o baixo peso ao nascimento aumentam a incidência de Paralisia Cerebral, bem como as condições que causam a falta ou a insuficiência de oxigénio ao cérebro durante o nascimento. A ameaça de aborto, o choque direto no abdómen da mãe, a exposição aos raios-x nos primeiros meses de gestão e a incompatibilidade de Rh da mãe e do pai também podem ser a causa da Paralisia Cerebral.

Após o nascimento as causas da PC são os traumatismos diretos no cérebro por acidentes ou violência infantil, infecções do cérebro (encefalite, meningite), a exposição a toxinas químicas (envenenamento do ar), a falta de oxigénio, as crianças passarem por um longo período de febre muito alta (39°C ou superior), logo nos primeiros meses de vida e sofrerem uma desidratação com perda significativa de líquidos. O sarampo e o traumatismo crânio-encefálico até aos três anos de idade também são fatores de risco.

Segundo Sherril, 1998 (in Costa, 2000) quanto à classificação topográfica existem quatro tipos mais comuns:

- Quadriplegia: ocorre quando envolve os quatro membros. O termo dupla hemiplegia também é utilizado quando os braços estão mais afetados que as pernas e pode haver uma paralisia congénita;
- Paraplégica: as alterações observadas estão restritas aos membros inferiores;
- Diplegia: envolvimento dos quatro membros, estando as pernas mais afetadas que os braços;
- Hemiplegia: verifica-se que o membro inferior é mais afetado que o membro superior ou vice-versa, mas também se pode verificar a afetação de um lado do corpo;
- Triplegia: há o envolvimento predominante de três membros, geralmente as duas pernas e um braço;
- Monoplegia: é uma condição rara, na qual apenas um membro é afetado.

Relativamente aos tipos de Paralisia Cerebral, Muñoz et al (in Batista, 1997, p.295) refere que o quadro clínico da Paralisia Cerebral *“não constitui um conjunto estático de sinais e sintomas. A lesão, ao afetar o sistema nervoso central em desenvolvimento, vai dar origem a um quadro clínico muito complexo(...) A*

Classificação clínica atribuída aos tipos de paralisia cerebral varia por vezes, mas classicamente descrevem-se três tipos de síndromes: espástico, atetósico e atáxico.”

O tipo espástico é o mais comum da Paralisia Cerebral. A sua incidência encontra-se à volta dos 80%. O espástico é o tipo de Paralisia Cerebral mais estudado e com os parâmetros de prognóstico bem estabelecido e confiáveis. Caracteriza-se por uma lesão no córtex cerebral e nas vias piramidais, afetando primordialmente o movimento voluntário. Os músculos apresentam-se rígidos, contraídos e resistentes ao movimento. O indivíduo é capaz de cruzar as pernas ao nível dos tornozelos. No entanto, o seu movimento é sempre muito lento. Por vezes os músculos das pernas estão tão contraídos que os calcanhares não tocam no chão, tendo o indivíduo de caminhar na ponta dos pés. Pode haver um lado do corpo afetado (hemiparésia), os quatro membros (tetraparésia) ou mais os membros inferiores (diplegia). Muñoz et al (in Batista, 1997)

A sua mímica é pobre, sem expressão ou fixa, num esgar contínuo; a articulação é lenta, feita com dificuldade; o início do discurso pode ser caracterizado por um momento inicial de espera para irromper em forma de espasmo, acabando o ar logo no início da frase e obrigando a respirações forçadas; as palavras surgem encadeadas umas a seguir às outras, sendo complicado, para o ouvinte diferencia-las; a língua possui pouca mobilidade; a respiração é feita pela boca, frequentemente insuficiente e superficial, devido à espasticidade dos músculos que intervêm na inspiração e na expiração; falta de controlo da baba; a voz é monocórdica, monótona e sem entoação.

O tipo atetósico é o segundo mais comum. A sua incidência encontra-se em torno dos 10%. Caracteriza-se por movimentos involuntários das partes do corpo afetadas, tais como estares faciais e torção das mãos. A língua pode descair, saindo da cavidade bucal e por vezes o indivíduo não consegue conter completamente a saliva. Por vezes o corpo pode produzir movimentos súbitos, bruscos e ondulatórios. Estes movimentos descontrolados aumentam em períodos de maior agitação e/ou insegurança. Em alguns casos os músculos dos órgãos envolvidos na produção da linguagem podem estar afetados, com maior ou menor intensidade, pelo descontrolo motor geral e que poderão originar problemas a nível da respiração; da coordenação dos movimentos das mandíbulas, dos lábios e da língua, originando dificuldades de produção de som, especialmente, dificuldades fonéticas.

O tipo atáxico é o mais raro da Paralisia Cerebral. É consequência de uma lesão no cerebelo, que origina descontrolo postural. Envolve falta de equilíbrio, de coordenação e de perceção dimensional. Quando a pessoa está de pé, pode oscilar, assim como também

pode ter dificuldade em manter o equilíbrio. Por vezes caminha com os pés bastante afastados, para evitar potenciais quedas. A ataxia afeta também a linguagem. A respiração, a fonação e a articulação apresentam-se mal coordenadas, resultando numa voz fraca, descoordenada e sem ritmo.

Nielsen (1999) também refere uma Paralisia Cerebral mista, onde há uma lesão no córtex cerebral e nas vias piramidais (espástica) afetando primordialmente os músculos voluntários e por movimentos involuntários das partes do corpo afetadas, tais como esgares faciais e torção das mãos. Consoante a área do cérebro afetado e a extensão das lesões do sistema central podem verificar-se uma ou mais das seguintes características: espasmos, problemas a nível de tonicidade muscular, movimentos involuntários, problemas de postura e de movimento, convulsões, anomalias no campo das sensações e da perceção, problemas de visão, audição, da fala e deficiência mental.

O grau de deficiência mental é determinado pelo QI (quociente intelectual). Este conceito é o resultado da multiplicação por cem do quociente obtido pela divisão da idade mental pela idade cronológica. Os graus podem ser leve, moderado e severo.

As pessoas com Paralisia Cerebral leve movimentam-se com independência, realizam atividades motoras finas, constroem frases e adaptam-se na sociedade com facilidade.

Os indivíduos com Paralisia Cerebral moderada têm dificuldades na locomoção, sendo dependentes de outras pessoas ou de suportes materiais. A motricidade fina é limitada, ocorrendo dificuldade na construção de frases e é necessária assistência para as atividades da vida diária. As limitações motoras dificultam o desempenho escolar.

Por último temos o grau de incapacidade severa que faz com que alguns sujeitos com Paralisia Cerebral tenham total dependência relativamente a motricidade fina e grossa. Também a sua linguagem e a sua fala são afetadas, devido às dificuldades motoras pelo que o potencial intelectual destas pessoas é comumente subvalorizado.

2.3. Os pais e a criança com Paralisia Cerebral

Segundo Ramos (1987, p 334), “ *A vinda ao mundo de uma criança deficiente pode ser comparada à pedra que se lança na água. No princípio, é a grande agitação. Depois, lentamente, a agitação diminui e não ficam mais que pequenas ondas. Por fim,*

a superfície da água volta de novo à calma, mas a pedra, essa, continua bem lá no fundo...”

O nascimento de uma criança no seio de uma família implica a existência de um certo equilíbrio, não só pelo grau de aceitação necessário para as modificações que vão surgir, mas também pelas expectativas criadas.

É fundamental que a família se sinta preparada para que se possa criar um ambiente favorável onde predomine um bem-estar físico e emocional.

Relvas (1996, p.6) defende que, ter um filho qualquer que seja o contexto familiar concretiza sonhos e implica frustrações.

A reação dos pais ao nascimento de qualquer criança perfeita e saudável é de alegria e expectativas. Porém quando é evidenciada alguma deficiência ou problema, as expectativas desmoronam-se e instala-se o desequilíbrio.

Segundo Brazelton (1989, p.179) “ *o desequilíbrio entre o bebé real e o bebé imaginário torna-se muito grave...Os pais ficam feridos no seu amor- próprio*”.

O desmoronar das expectativas irá refletir-se a nível do equilíbrio dos pais, assim como aos restantes membros da família (irmãos, avós e outros).

Assim sendo, Pereira (1996, p.5) refere que, “*a adequação do comportamento dos pais a um filho com deficiência é sempre um processo longo e penoso em que é importante poderem contar com uma colaboração atuante*”.

Cuidar de uma criança com paralisia cerebral pode ser uma experiência muito difícil para os pais, pois a maior parte das crianças apresentam um prognóstico muito reservado que pode estar dependente do tipo e do nível de gravidade da lesão.

Segundo Shonkoff *et al* (1992), na maioria das famílias com um filho deficiente ocorrem níveis mais elevados de desintegração familiar e insatisfação conjugal, stress crónico e relações sociais de maior fragilidade especialmente no que concerne às relações de vinculação.

Hirose & Ueda (1990), consideram que os pais de crianças com paralisia cerebral enfrentam dificuldades em diferentes fases da vida: quando os pais sabem que os filhos têm uma deficiência; quando chega o momento de encarar as possibilidades escolares;

quando a criança deixa a escola e tem necessidade de enfrentar as confusões e frustrações pessoais e quando os pais envelhecem não podendo dar continuidade aos cuidados prestados ao filho com paralisia cerebral até então.

Na procura de ultrapassar algumas destas barreiras, existe uma luta constante para melhorar a saúde da criança com paralisia cerebral, recorrendo a todas as estratégias que possam beneficiar a criança quer a nível pessoal quer a nível social, conferindo-lhe a maior autonomia e integração possível.

Diogo (1998), afirma que o desenvolvimento da criança é resultado das interações que esta estabelece com pessoas que desempenham no seu quotidiano funções diversificadas, sendo um primeiro período apenas com elementos da família e posteriormente e contextos progressivamente mais alargados (amigos, vizinhos, professora, outros).

Assim sendo é fundamental que a família e a escola caminhem em simultâneo e com os mesmos objetivos, promovendo harmonia no desenvolvimento da criança.

Monner & Pourtois (1987, citado por Menezes, 1990), defendem que as relações da escola com a família, constituem-se fundamentais para os alunos, pais e professores e consequentemente para o desenvolvimento de uma sociedade democrática.

A existência de momentos de diálogo e partilha entre pais e professores é imprescindível para maior compreensão, conhecimento da criança e para implementação de estratégias adequadas de desenvolvimento.

2.4 A criança com Paralisia Cerebral – Intervenção Transdisciplinar

A paralisia cerebral é uma patologia que não tem cura, sendo fundamental a existência de uma intervenção precoce e adequada.

O principal objetivo da intervenção consiste em ajudar e motivar a criança a conseguir uma maior independência, autonomia e consequentemente uma melhor integração social.

É fundamental que a estimulação seja iniciada logo nos primeiros dias de vida da criança, para que o seu desenvolvimento psicofísico possa ser mais perfeito e englobe

aspectos a nível da motricidade, terapia da fala, terapia ocupacional, défices sensoriais e utilização de próteses ou outros materiais ortopédicos.

Segundo Muñoz et al (1997), o processo de estimulação deve ser feito por uma equipa multidisciplinar, na qual os pais desempenhem um papel ativo e bastante presente.

Os pais, educadores e outros responsáveis ligados à educação e à qualidade de vida devem desenvolver ações no sentido de dar respostas eficazes que possam tornar a criança com paralisia cerebral mais feliz.

O seu objetivo primordial deve ir de encontro aos objetivos definidos no programa de estimulação, incidindo no desenvolvimento das suas capacidades e a sua socialização, visando maior autonomia e independência pessoal, que lhe garantam a sua plena integração e inclusão na sociedade.

Cuberos, M. (in Bautista.R, 1997, p.288) define autonomia pessoal como: “ *Um conjunto de capacidades relacionadas com os hábitos de higiene quotidiana, as atividades envolvendo o vestuário (despir, vestir, atar os atacadores, abotoar botões,...), atividades relacionadas com a alimentação e deslocação.* ”

Para que o processo de estimulação se considere eficaz, é importante que este seja feito regularmente e se possível na escola, desde que esta disponha das condições necessárias (sala bem iluminada, colchões adequados, bicicletas, pesos, matérias de psicomotricidade, entre outros).

A criança com paralisia cerebral pode estar integrada no ensino especial ou regular, desde que beneficie dos técnicos adequados: professor, educador, psicólogo, terapeuta da fala, terapeuta ocupacional.

Em alguns casos a criança com paralisia cerebral pode ainda recorrer a outras sugestões de estimulação, desde que continuem acompanhados por técnicos adequados, tais como hipoterapia, hidroterapia, colónias de férias e desportos variados.

2.5. A escola e a criança com Paralisia Cerebral

Como temos vindo a acentuar a escola desempenha um papel fundamental na vida da criança com paralisia cerebral, sendo considerada um núcleo protetor onde com a ajuda de todos os intervenientes, se torna possível criar um ambiente favorável e efetivamente integrador e inclusivo.

Considerando que a paralisia cerebral acompanha a criança durante toda a sua vida e geralmente requer uma adaptação e uma formação no sentido de atingir a autossuficiência, é fundamental que exista um trabalho de total cooperação entre técnicos, professores, educadores e encarregados de educação, promovendo uma efetiva estimulação nas diversas áreas, desenvolvendo as capacidades gerais e a qualidade de vida da criança com paralisia cerebral.

É importante que as necessidades da criança sejam destacadas, por parte da escola, e que seja elaborado um plano de intervenção adequado, equacionando os recursos necessários que permitam a integração da criança.

Muñoz et al (1997, citado in Bautista, 1997), defende que, uma inclusão adequada deverá basear-se em três princípios ideológicos: normalização, dando relevância ao direito que a pessoa com deficiência tem em beneficiar do sistema normal de serviços da comunidade; setorização, em que os serviços educativos prestados devem estar adaptados ao meio onde a criança desenvolve a sua vida, e a individualização didática, respeitando as peculiaridades psicofísicas do aluno, tanto no que se refere à sua situação escolar como à programação didática e estratégias metodológicas.

Quando a escola toma conhecimento que vai receber um aluno com paralisia cerebral é fundamental que a equipa multidisciplinar se inteire das necessidades do aluno e que tenha em conta alguns dos aspetos fundamentais para elaborar uma intervenção adequada.

Assim sendo, segundo Muñoz et al (1997, in Bautista, 1997), a equipa multidisciplinar deve começar por proceder à anamnese, recolhendo a informação mais relevante sobre a criança com paralisia cerebral: a história do parto, desenvolvimento da criança, saúde em geral, medicação, alimentação e nível de evolução ou regressão funcional.

Esta informação deve ser recolhida junto dos pais ou de outros profissionais que tenham acompanhado a criança com paralisia cerebral.

Após a recolha da informação mais relevante a equipa multidisciplinar deve proceder ao diagnóstico, elaborando um estudo sobre o nível de comunicação do aluno com paralisia cerebral, capacidade intelectual, personalidade, capacidade motora e desenvolvimento e aprendizagem do aluno face à intervenção dos profissionais.

O aluno com paralisia cerebral deve ainda, beneficiar de um currículo adequado.

Assim sendo, o aluno pode beneficiar do currículo regular, introduzindo as adaptações necessárias de acordo com as necessidades individuais do aluno, dando destaque aos conteúdos, materiais, metodologias e organização das atividades.

Muñoz e al (1997, in Bautista, 1997), defende ainda, ser fundamental que a criança com paralisia cerebral participe em todas as atividades escolares e receba tratamento e acompanhamento adequado a nível da terapia da fala, fisioterapia e terapia ocupacional.

Os autores referem que os alunos com paralisia cerebral necessitam de maior reforço pedagógico nas áreas: preceptivo - sensorial, linguagem, afetivo – social e autonomia.

A equipa multidisciplinar deve ainda, proceder à planificação de atividades, considerando que estas devem ser adequadas ao nível do aluno e adaptadas às suas características, visando alcançar os objetivos definidos para a criança com paralisia cerebral.

Deve-se também fomentar atividades que desenvolvam a comunicação e autonomia do aluno e considerar as suas disfunções a nível motor.

Por fim, deve proceder-se ao processo de avaliação do aluno, considerando uma avaliação do desenvolvimento e aprendizagem do aluno em ambiente escolar. A avaliação deve ser flexível, contínua e qualitativa.

No que concerne ao espaço e comunidade escolar é fundamental que a escola se adegue às necessidades do aluno com paralisia cerebral. A sala de aula onde o aluno irá ser colocado deve atender à idade do aluno, maturidade socio-afetiva, nível de desenvolvimento e aprendizagens do aluno e estar equipada com materiais de apoio e

tecnologias concebidas para alunos com paralisia cerebral, que lhes permitam participar nas atividades desenvolvidas na sala de aula.

No caso das restantes infraestruturas escolares devem ser reformuladas e equipadas de acordo com as necessidades de cada criança com limitações, devem ser construídas rampas, devem existir adaptações nas casas de banho, refeitórios e ginásios, tal como nas mesas, cadeiras e restante mobiliário.

Os alunos devem ter ainda ao seu dispor elevadores e se necessário transporte escolar adaptado que lhes permita participar nas atividades extraescolares.

É importante que todas as barreiras arquitetónicas que dificultam o acesso e desenvolvimento do aluno sejam suprimidas de forma a possibilitar a sua integração.

2.6. Modalidades de apoio e estratégias de ensino a crianças com Paralisia Cerebral

A inclusão das crianças com Paralisia Cerebral em classes regulares, onde lhes seja proporcionado um padrão o mais normal possível é extremamente benéfico.

A criança não deve ser privada das atividades escolares, especialmente as que favorecem a sua inclusão social.

As atividades desenvolvidas no 1ºCiclo são fundamentais para a criança, garantindo-lhes apoio, segurança e minimizando alguns dos seus problemas psicológicos: dificuldades de orientação, dificuldades de linguagem, memória, atenção, entre outros.

A realização de exercícios simples e adequados, quer na sala de aula em grande grupo, quer em sessões individuais, podem ser fundamentais para solucionar alguns dos seus problemas.

Algumas crianças podem apresentar ritmos bastante próprios, sendo mais lentas nas suas aprendizagens, por conseguinte, é fundamental que seja estabelecida comunicação entre o professor, a criança e os seus pais. É importante que todos tenham consciência e respeitem os tempos de aprendizagem da criança, para que esta se sinta segura e encorajada.

Castillo, (1986) defende que o professor deve ter o cuidado de estabelecer objetivos realistas, que permitam à criança destacar os seus pontos fortes, para que esta se sinta motivada e aumente o seu desejo de ser bem-sucedida e consequentemente aceite pelos seus companheiros.

Durante este processo o professor deve demonstrar aos restantes alunos que, entre eles e a criança com Necessidades Educativas Especiais (Paralisia Cerebral) os pontos em comum são maiores e mais importantes que as diferenças existentes.

No que concerne ao processo de adaptação e inclusão da criança o professor deve ainda dar destaque às suas necessidades físicas. Assim sendo, dependendo das necessidades e limitações da criança, o professor deve recorrer a dispositivos de apoio, tais como cadeira de rodas, mesa ajustável, muletas, entre outros materiais de apoio.

Neste tipo de situações é importante que a criança reconheça muito bem o seu próprio corpo e explore a motricidade grossa, visando uma melhor adaptação e utilização dos dispositivos de apoio. É importante que a criança se possa sentir autónoma perante a necessidade de utilização dos dispositivos de apoio.

Segundo Castillo, (1986), também a motricidade fina da criança pode ser severamente afetada, incidindo diretamente em atividades de aprendizagens como a escrita e o desenho, ou indiretamente, em aspetos do foro cognitivo como as relações especiais e literalidade. É importante que o professor explore exercícios de manipulação e recorra a materiais adaptados (lápis mais grossos ou com adaptadores, borrachas rugosas,...) garantindo um maior sucesso e estímulo à criança.

Visando a exploração de diversas áreas de aprendizagem, o professor deve recorrer aos dispositivos eletrónicos disponíveis na escola para apoiar o processo educativo do aluno. A utilização de gravadores de áudio e computadores pode ser bastante estimulante, visto existirem programas com atividades destinadas a crianças com Paralisia Cerebral.

Sendo o ensino e a inclusão um direito para todos, é fundamental que sejam fomentadas boas práticas e estratégias de ensino adequadas, que promovam a Inclusão Social e a Normalização das crianças. É importante que os diferentes apoios tenham uma intervenção o mais precoce possível e que os pais das crianças desempenhem um papel ativo, sendo a sua cooperação e colaboração fatores determinantes.

3. Comunicação Aumentativa /Alternativa

3.1. Linguagem e Comunicação

O ser humana apresenta capacidades biológicas que lhe possibilitam a produção da linguagem verbal, tal como a sua compreensão e receção.

A capacidade para a linguagem verbal é desenvolvida por organismos geneticamente determinados e pressupõe a existência, no ser humano, de um órgão biologicamente pré-programado.

Chomsky (1994) defende que a faculdade universal e inata da linguagem verbal é definida como componente da mente humana.

A natureza desta faculdade é reconhecida como Gramática Universal, consistindo num conjunto de princípios linguísticos geneticamente determinados que atuam a nível do saber linguístico do ser humano.

Chomsky (1994) considera ainda que a linguagem não é apenas uma componente da mente humana, mas também um dos meios de que os seres vivos dispõem para representar, traduzir e transmitir pensamentos.

Assim sendo, considera-se que a linguagem é um processo complexo e divide-se por um conjunto de etapas, desde o momento de transmitir uma mensagem, à sua codificação linguística e o planeamento da sua execução através do Sistema Nervoso Central.

Perante a execução deste planeamento o Sistema Nervoso Periférico ativa os mecanismos da produção.

A linguagem é a faculdade de expressão e comunicação que faz uso de um sistema de signos convencionais.

Para que possa existir uma comunicação fluente é necessário recorrer a um sistema de sinais ou código.

O código é um conjunto de signos e de regras de utilização e para que haja comunicação é necessário que o emissor e o redutor conheçam o código utilizado, os signos e as suas regras de utilização.

Os sinais/ códigos constituídos um significante e um significado são designados por signos. Não existe nenhuma relação natural e necessária entre significado e significante. A relação que existe é convencional, reverte de um acordo tácito entre emissor e redentor.

Os signos apresentam uma face material passível de ser aprendida pelos sentidos, designada por significante e uma face não- material, inapreensível pelos sentidos, designada por significado.

Segundo Vygotsk (2007) o significado que o emissor atribui a esse significante continua no interior do emissor. O significante suscita no interior do redentor um outro significado, semelhante mas nunca idêntico ao do emissor.

No que concerne aos alunos com paralisia cerebral, Muñoz *et al* (1997, in Bautista, 1997) defende que para que exista desenvolvimento da comunicação e da linguagem, o professor deve ter em atenção os sintomas tónicospásticos, ou seja deve prestar especial atenção à audição, respiração, fala e linguagem.

3.2. Comunicação Aumentativa/ Alternativa

A comunicação é a capacidade de trocar informação, discutir ideias, estabelecer uma conversação entre sujeitos. Este processo geralmente é feito por dois ou mais intervenientes e envolve um código e a transmissão e compreensão de mensagens.

Comunicar é próprio do homem, faz parte da natureza humano, assim sendo, este realiza o processo de comunicação de forma inata e inconsciente, começando-o a desenvolver desde muito cedo.

As expressões faciais, estados de espírito, gestos e ações contêm informação que ao ser decodificada pode ser facilmente compreendida pelas pessoas que estão à nossa volta. Porém, para que todo este processo resulte, é fundamental que os interlocutores utilizem o mesmo canal de comunicação e o mesmo código.

Associada à necessidade de efetuar uma comunicação fluente, surgem os sistemas de comunicação na procura de facilitar a comunicação de quem tem dificuldades a este nível. Estes sistemas de comunicação são designados por Comunicação Aumentativa e

Alternativa e são definidos “...como a integração de símbolos (gestos, sinais, imagens), recursos (pranchas, álbuns, softwares), técnicas (apontar, acompanhar, segurar) e estratégias (uso de histórias, brincadeiras, imitações) no incentivo à comunicação.”

(Santarosa *et al.* 2010, p.317)

A Comunicação Aumentativa e Alternativa são assim consideradas um processo que enfatiza as formas de comunicação, visando promover e desenvolver a fala, garantindo que estas formas de comunicação estejam interligadas, ainda que distintas.

“ A Comunicação Alternativa é qualquer forma de comunicação diferente da fala e usada por um indivíduo em contextos de comunicação frente a frente (...) Comunicação Aumentativa significa comunicação complementar ou de apoio.”

(Tetzchner & Martinsen, 2000, p. 22)

A Comunicação Aumentativa e Alternativa pode ser usada a longo ou curto prazo, de acordo com as necessidades de cada pessoa.

Em alguns casos existe a necessidade de utilizar uma forma de Comunicação Aumentativa ou Alternativa transitória, sendo usada apenas durante um determinado período de tempo, já em outros casos a Comunicação Aumentativa ou Alternativa é um recurso para toda a vida.

A escolha de um sistema de comunicação aumentativa / alternativa para uma pessoa deve basear-se nas características motoras e preceptivas do indivíduo e deve também verificar se a pessoa necessita de uma forma de comunicação com ou sem ajuda.

O uso generalizado de um determinado sistema de símbolos pode também ser determinante na sua escolha uma vez que os seus utilizadores mais facilmente poderão comunicar entre si e por outro lado, para educadores e outros profissionais também se torna mais simples se dominarem bem o sistema de símbolos em questão.

Ao escolher entre signos gestuais ou gráficos é necessário ter em consideração as capacidades preceptivas do indivíduo.

Certamente que um indivíduo com dificuldades de visão consegue compreender melhor os movimentos dos signos gestuais do que os signos gráficos, no entanto para outras pessoas serão mais úteis as tecnologias de apoio para a comunicação com sistemas de signos gráficos e fala sintetizada ou digitalizada.

Com o evoluir dos tempos, e a necessidade de novas respostas, surgiram diferentes Sistemas Alternativos e Aumentativos de Comunicação considerando-se hoje agrupados em diferentes categorias: Sistemas de Comunicação Com e Sem Ajuda e Comunicação Dependente e Independente.

Segundo Tetzchner e Martinse (2000) os Sistemas de Comunicação Com Ajuda contemplam todas as formas de comunicação em que a expressão da linguagem ou dos signos necessitam de utilizar instrumentos exteriores ao utilizador (computadores, tabelas de comunicação, dispositivos de fala (...)).

No que concerne à Comunicação Sem Ajuda existe uma forma de comunicação onde quem comunica cria as suas próprias expressões da linguagem, não sendo necessário utilizar ajudas ou dispositivos. Assim sendo, o seu principal veículo de transmissão é o próprio corpo, explorando-o na sua plenitude.

“ ...os Sistemas Aumentativos e Alternativos de Comunicação Com e Sem Ajuda têm como objetivo responder às necessidades expressivas do seu utilizador e aumentar a integração de quem necessita de algum tipo de ajuda para comunicar, expressar-se e interagir (...)” (Basil e Ruiz (1985) citado por Nogueira (2009)

No que se refere à Comunicação Dependente e Independente são caracterizadas de diferentes formas.

A comunicação dependente significa que quem comunica depende de outras pessoas para interpretar o significado do que é apresentado, como exemplo, interpretação de símbolos.

No caso da Comunicação Independente, a mensagem é totalmente formulada pelo sujeito, através da transmissão de frases, escrita num ecrã ou em papel, utilização de dispositivos de fala, entre outros.

Apesar dos Sistemas de Comunicação nem sempre terem sido valorizados nem reconhecidos pela sociedade são, sem dúvida, úteis e fundamentais.

Estes devem ser introduzidos e desenvolvidos o mais cedo possível facilitando a vida das pessoas com dificuldades de comunicação, nomeadamente com paralisia cerebral, promovendo a sua inclusão na nossa sociedade.

3.3. Tecnologias de Apoio

As tecnologias de apoio proporcionam aos alunos com paralisia cerebral, um ambiente de aprendizagem onde a criatividade, interação e a produtividade são bastante valorizadas uma vez que se podem definir como um conjunto de equipamentos e dispositivos que ajudam o seu utilizador a expressar-se, deslocar-se ou movimentar-se mais facilmente.

Estas tecnologias desempenham um importante papel na vida das pessoas que apresentam deficiências motoras, dificuldades na fala, distúrbios na linguagem, deficiência mental entre outros.

Segundo Moura (2006) a tecnologia proporciona à escola uma infinidade de recursos que poderão proporcionar um ensino criativo e eficiente, favorecendo a integração educativa e social dos alunos com paralisia cerebral.

A tecnologia de apoio promove a participação ativa do aluno com paralisia cerebral, não só a nível da comunicação oral e escrita, mas também a nível da ausência ou limitação na fala e mobilidade, proporcionando-lhe independência, melhor qualidade de vida e consequentemente integração social.

Os computadores são um dos elementos que podem oferecer bastantes benefícios às crianças com paralisia cerebral na sala de aula, especialmente quando são incapazes de segurar uma caneta.

O uso de teclados e ratos adaptados permitem que a criança possa escrever e desenhar, explorando a sua criatividade e desenvolvendo o seu nível de compreensão.

Para além dos computadores, existem outras tecnologias de apoio que podem ser utilizadas para ajudar as crianças com paralisia cerebral, tornando-as mais independentes e autónomas.

Segundo Levy (1999, p.89) a Tecnologia de Apoio visa “ *proporcionar à pessoa portadora de deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação da comunicação, mobilidade, controle do seu ambiente, habilidades do seu aprendizado, competição e integração com a família, amigos e sociedade...* ”

A tecnologia de apoio torna-se um “instrumento” de auxílio fundamental nas mais diversas situações: abrir e fechar portas, facilitar a mobilidade, controlar aparelhos eletrônicos, acender a luz, auxílio de tarefas rotineiras, entre outros.

Existem ainda acessórios a nível de hardware que também podem ser bastante benéficos: monitores com toque, ponteiras, joysticks e uma grande variedade de softwares bastante estimulantes e apelativos.

Moura (2006) considera fundamental que a utilização da tecnologia de apoio resulte de um processo de avaliação e de intervenção multidisciplinar, devidamente planeado e estruturado, onde a colaboração dos pais é essencial.

Associada às tecnologias de apoio é fundamental reforçar que a escola deve ter o cuidado de suprimir todas as barreiras arquitetónicas e proceder às alterações e adaptações necessárias.

O sucesso da verdadeira inclusão, não passa por colocar apenas as crianças com deficiência nas salas de aula de ensino regular.

Para que a criança possa progredir e se sentir mais autónoma e capaz, é fundamental que lhe sejam facultados os materiais de apoio e os recursos necessários, pois só assim se sentirá verdadeiramente incluída.

Em suma Oliveira e Leite (2000) defendem que a implementação de um novo paradigma educacional que inclua diversidade impulsiona motivações externas na escola, na sua organização, na oferta de apoios, na utilização de recursos e materiais, nas salas de aula, nas comunidades, alterações estruturais e adaptações arquitetónicas, viabilização de recursos e preparação/ formação das equipas de intervenção e restante comunidade escolar.

Bruno (2000) afirma que a inclusão escolar necessita de ações motivadoras e eficazes e de uma pedagogia diferenciada capaz de considerar e valorizar as diferenças, expondo os alunos a situações de grande aprendizagem.

A criança com paralisia cerebral deve estar integrada no ensino regular, contudo, é fundamental que beneficie de uma estimulação global e posteriormente de uma iniciação académica. Assim sendo, o trabalho realizado pelos técnicos, professores, educadores, terapeutas e pela própria escola, assim como a interação de todas as áreas

deverão procurar elevar a nível cognitivo, autonomia pessoal e social, comunicação, psicomotor, sócia afetivo assim como desenvolver a área sensorial-preceptiva.

Para que se possa atender às necessidades especiais comuns em alunos com paralisia cerebral é necessário que se façam alterações e adaptações quer a nível da escola/edifício, quer a nível do trabalho desenvolvido pelo professor e restante comunidade escolar.

É fundamental que o professor estabeleça uma relação com o aluno que lhe permita identificar os seus conhecimentos, interesses e dificuldades alcançando um ponto de partida para trabalhar fluentemente com o aluno.

Deve existir ainda o cuidado de optar pela escolha de medidas que possam oferecer ao aluno confiança e bem-estar. O aluno deve estar posicionado de forma a obter a atenção do professor.

O professor deve estimular o desenvolvimento de habilidades de comunicação interpessoal, encorajar e promover o estabelecimento de relações sociais estáveis, estimular a realização de atividades escolares, motivar e estimular a construção crescente da autonomia do aluno, assim como oferecer ao aluno um ambiente emocionalmente acolhedor.

No que concerne às limitações motoras também o aluno com paralisia cerebral deve beneficiar de um atendimento que lhes garanta a maior autonomia possível.

O edifício escolar deve estar adaptado e equipado com rampas, elevadores, barras de apoio, casas de banho equipadas, portas com medidas que possibilitem a fácil passagem de cadeiras de rodas, entre outras adaptações a nível arquitetónico que se considerem necessárias e benéficas.

A aquisição e disponibilização de mobiliário (cadeiras, mesas e carteiras adaptadas), material de apoio para locomoção e material de apoio pedagógico, tal como, suportes para lápis, tabuleiros de comunicação, presilhas de braço, sistemas aumentativos e alternativos de comunicação entre outros são também essenciais para a adequada adaptação do aluno, ajudando-os a ultrapassar algumas das suas limitações.

Tratar e manusear uma criança com paralisia cerebral envolve a solução de vários problemas. É fundamental que exista uma cooperação positiva por parte dos pais/

encarregados de educação pois somente quando estes, os terapeutas e professores trabalham juntos, como uma verdadeira equipa, pode ser dado à criança com paralisia cerebral o melhor tratamento e as melhores oportunidades para o desenvolvimento das suas capacidades, independentemente das suas limitações.

“ (...) Na verdade, o especial da educação especial está muito menos nas características dos alunos e muito mais na diversidade das ofertas educativas que as escolas devem dispor a todos, por direito de cidadania.” (Carvalho, 2000, p.168)

CAPÍTULO II

ESTUDO EMPÍRICO

1. Problemática e sua Contextualização

Cada criança é única e especial quer em termos de desenvolvimento, cuidados, quer a nível de necessidades educativas.

Existem crianças que de acordo com as suas necessidades e características, podem ser semelhantes e diferentes de outras crianças com a mesma faixa etária.

Estas diferenças podem ser caracterizadas por fatores de ordem física, cognitiva, linguística, social e afetiva.

Segundo Fonseca, (1984), para que seja conseguido um desenvolvimento pleno das suas capacidades é fundamental fornecer a estas crianças uma intervenção educativa especializada, adequada e precoce, assim como meios e cuidados especiais, que devem variar consoante as necessidades específicas de cada criança.

Durante os últimos dois anos de atividade como professora de A.E.C – Inglês, tive a oportunidade de trabalhar com um aluno com Paralisia Cerebral na minha sala de aula.

Apesar de reconhecer as limitações e dificuldades do aluno, quer a nível motor quer a nível intelectual, fiquei bastante surpreendida com a facilidade da criança em desempenhar as suas atividades e com a sua constante procura e motivação em se superar, tentando estar ao nível dos restantes colegas.

Foi-me possível observar este facto quer na sala de aula, quer nas atividades desenvolvidas nos intervalos, o que me fez perceber que existia uma grande motivação por parte da comunidade escolar em apoiar e aceitar este aluno.

A presença constante dos pais e o cuidado em saberem se existe evolução por parte do filho, permitiu-me concluir que existe uma grande cooperação e acompanhamento dos pais em relação às atividades desenvolvidas na comunidade escolar.

Em suma, tomei uma maior consciência da importância da escola inclusiva, uma escola para todos, uma escola que garanta a igualdade de oportunidades para todas as crianças independentemente das suas dificuldade e limitações, uma escola que pode estimular e beneficiar quando nela se trabalha de forma adequada.

O Decreto de Lei 3/2008 teve um papel fundamental no crescimento das escolas inclusivas, promovendo a inclusão das crianças com necessidades educativas especiais

em escolas de ensino regular e terminando com as escolas de educação especial em Portugal.

O presente Decreto de Lei valoriza a igualdade de oportunidades e direitos de ensino e permite também implementar uma política de prevenção, tratamento, reabilitação e integração das crianças com NEE desde o pré-escolar até todo o ensino obrigatório.

Ao refletir sobre todos estes fatores senti uma grande curiosidade em perceber como pode um aluno estar tão facilmente incluído na comunidade escolar, apesar das suas limitações e dificuldades, e quais as práticas que podem promover esta mesma inclusão.

Assim sendo, surgiu-me a seguinte questão- problema que move esta pesquisa:

- Quais as boas práticas na inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral?

2. Questões e objetivos da investigação

O presente projeto aborda a questão da inclusão de um aluno com Paralisia cerebral no meio rural. Assim sendo e com base na temática inclusão, surgem as seguintes questões:

- Quais os fatores que promovem a inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral nas atividades realizadas na sala de aula e no meio escolar?
- Será que as atividades desenvolvidas são adaptadas às necessidades do aluno com Paralisia Cerebral?
- Será que a organização da escola é facilitadora de inclusão?
- Será que existe uma verdadeira inclusão do aluno com Paralisia Cerebral na comunidade escolar?

De acordo com as questões apresentadas são definidos os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

De acordo com a problemática a desenvolver, o objetivo geral deste estudo visa “conhecer as boas práticas na inclusão de um aluno com paralisia cerebral”.

Objetivos específicos:

- Conhecer a inclusão do aluno com Paralisia Cerebral nas atividades de sala de aula.
- Analisar a concordância entre a adaptação das atividades às necessidades do aluno.
- Identificar os fatores de inclusão na comunidade escolar.

2.1 Metodologia e Modelo de Investigação

O presente estudo tem como base, um estudo de caso, referente às boas práticas de inclusão de um aluno com paralisia cerebral.

O estudo de caso é uma metodologia de investigação em ciências sociais que se baseia numa abordagem, especialmente direccionada para procurar, compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos que envolvam diversos fatores.

Segundo Yin (1994) o estudo de caso define-se com base nas características do fenómeno em estudo e das características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos.

Gall e Colaboradores (2007:447) definem,

“estudo de caso de investigação como um estudo em profundidade de um ou mais exemplos de um fenómeno no seu contexto natural, que reflete a perspectiva dos participantes nele envolvidos”.

Yin (1989) defende que antes de se tomar decisões sobre o caso a escolher como objeto de pesquisa, o investigador tem de definir a problemática e esclarecer o enquadramento teórico que lhe servirá de base.

Estas são as componentes fundamentais para o planeamento e condução de qualquer investigação.

Por sua vez Bogdan e Biken (1994:89) afirmam,

“ Ser necessário espírito prático, na escolha de um caso, uma vez que eles apresentam dificuldades variáveis”.

Pelo caráter naturalista, interativo e dinâmico, o estudo de caso exige identificação de contextos apropriados, a obtenção de permissão e do apoio de sujeitos relevantes para o desenvolvimento do estudo.

Outro aspeto fundamental no estudo de caso consiste na correta e adequada caracterização da situação em que o mesmo se verifica ou em que o mesmo consiste.

Yin (1989:23) defende que o investigador deve recorrer a um conjunto amplo e variado de técnicas de recolha de dados: questionários, entrevistas semidirectas a informadores chave e observação participante.

Bell (2002:23) afirma que,

“ nenhum método é excluído”.

Quando se realiza um estudo de caso a recolha de dados é emergente e a análise é indutiva, mesmo que aconteça em contexto informal, o desenvolvimento da investigação.

Num estudo de caso é muito importante que exista triangulação de dados. O facto de se utilizarem diversas técnicas de pesquisa e de haver uma procura de diferentes fontes confere a esta estratégia uma grande validade científica. (Bartelett et al. 2001)

De acordo com Hamel (1998) o estudo de caso é caracterizado por ter um carater essencialmente descritivo. Este carater descritivo resulta de uma análise aplicada às observações realizadas no terreno em função da compreensão das informações disponibilizadas pelos autores.

A referida descrição dos processos e procedimentos deverá ser feita de forma cuidada que permita aos investigadores a interpretação e a comparação dos dados produzidos.

A apresentação final do relatório de um estudo de caso deverá consistir numa narrativa que descreve, analisa e interpreta o caso.

No que concerne à fase de produção do relatório, este deve refletir claramente todo o cuidado do investigador, aparecendo comum documento que respeita os pontos de vista e a vontade dos participantes, existindo a necessidade de garantir o anonimato e respeitar a confidencialidade das informações.

Um Estudo de Caso pode combinar uma natureza de carácter Qualitativo, Quantitativo ou ainda carácter Misto.

No que concerne ao presente estudo de caso apresenta uma natureza de carácter qualitativo sendo a Metodologia Qualitativa a mais adequada.

Segundo Freitas & Muniz, (2008), a Metodologia Qualitativa baseia-se na análise léxica e de conteúdos, de fontes como: textos, discursos, entrevistas, trechos de livros, entre outros.

Este tipo de metodologia permite ao investigador dar a sua opinião através do que ele consegue ler nas entrelinhas das respostas recolhidas e baseia-se em técnicas que pressupõem a análise de fontes ou dados, sendo considerada uma abordagem científica.

3. Participantes

Os participantes no presente estudo de caso serão:

- Aluno x com paralisia cerebral. Tem 8 anos e limitações a nível do seu lado direito; utiliza uma palmilha que lhe facilita a sua deslocação atenuando a dismetria; a mão dominante é a direita embora execute os movimentos de forma lenta. Começou recentemente a ler e a escrever algumas palavras. Apesar dos órgãos fonadores também estarem afetados, no que concerne à comunicação é possível verificar que existe um grande estímulo pois tirando algumas palavras mais difíceis o aluno comunica fluentemente. A nível de comportamento o aluno (x) apresenta um comportamento aceitável, porém está medicado com Rubifen (2 vezes ao dia) e aplicação de Tóxina Botulinica.

- Os 15 colegas da sua turma de pertença, 7 raparigas e 8 rapazes com idades compreendidas entre os 7/8 anos. Frequentam o 2º ano de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico de uma escola rural do distrito de Beja;

-No que se refere aos agentes educativos que intervêm com este aluno, como podemos verificar pela leitura do Apêndice III (p.128), três dos docentes que interagem com o aluno têm formação própria para o ensino, (professora titular de turma, professora de educação especial e professora de atividades Lúdico Expressivas), tendo as duas últimas uma pós graduação em educação especial. No que respeita aos anos de experiência é possível verificar (Apêndice III, p.128) que o professor de educação especial é o que tem mais experiência, porém a professora titular de turma também tem alguma experiência de trabalho com crianças com N.E.E apesar de não ter formação específica.

No que concerne aos professores de Atividades de Enriquecimento Curricular (P3; P4) são claramente aqueles que têm menos experiência em trabalhar com crianças com N.E.E, nomeadamente o professor de atividade físico desportiva que apenas possui o ensino secundário pois ainda não concluiu a sua licenciatura.

A auxiliar de educação refere ter pouca experiência e não ter qualquer tipo de formação na área das Necessidades Educativas Especiais, apesar de se sentir à vontade com a criança com paralisia cerebral.

No que se refere ao encarregado de educação (P5), este procura cooperar e estar bastante presente e envolvido, tanto em contexto escolar como fora do mesmo, procurando alternativas que promovam evolução no seu educando.

4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Como já foi referido anteriormente, na investigação que se pretende realizar irá utilizar-se o Método Qualitativo.

Yin (1994), defende que a utilização de várias fontes de dados na construção de um estudo de caso, permite-nos realizar uma análise mais completa e diversificada.

Assim sendo para extrair informação diversificada para o nosso estudo de caso iremos realizar **entrevistas** a um grande grupo constituinte da comunidade escolar: docente titular de turma, docente de educação especial, docentes das Atividades de Enriquecimento Curricular, auxiliar de educação e encarregado de educação do aluno com Paralisia Cerebral; **observação naturalista** para que possamos observar o comportamento do aluno no meio escolar (em ambiente de sala de aula, recreio e almoço), assim como a forma como atua e se relaciona com os diversos constituintes da comunidade de escolar, nomeadamente com os seus colegas e vice versa. Iremos proceder ainda à **análise documental** através de material de consulta (processo do aluno, relatórios e caderno de atividades) disponibilizado pela docente titular de turma e pelo encarregado de educação.

4.1. **Entrevista**

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.134), a entrevista é fundamental num estudo de caso, pois através dela o entrevistador consegue chegar a conclusões claras sobre a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências, visto que estes utilizam a sua própria linguagem.

Flick (2005) defende que a entrevista é uma das técnicas mais antigas que possibilita recolha de dados verbais, onde o entrevistador tem um papel determinante, pois permite um contato mais próximo, sendo importante na recolha da informação pretendida.

As entrevistas realizadas neste estudo de caso consideram-se semiestruturadas. Apesar de existir um referencial as perguntas são abertas, possibilitando que o diálogo possa fluir de forma livre e natural e permitindo que o entrevistador interfira se necessário, sempre com o objetivo de obter a informação pretendida.

As referidas entrevistas obedecem a um guião (Apêndice II) previamente elaborado, composto por blocos, objetivos, tópicos e questões e seguem um protocolo que consiste na transcrição das perguntas do entrevistador e das respostas do entrevistado.

Posteriormente iremos proceder à análise das entrevistas e à seleção da informação mais relevante.

As entrevistas serão realizadas à docente titular de turma, ao docente de educação especial, aos docentes de atividade de enriquecimento curricular, à auxiliar de educação e ao encarregado de educação.

4.2. Observação Naturalista

A observação naturalista é muito importante, na medida que nos permite chegar a conclusões reais e o mais naturalista possível, dentro e fora da sala de aula.

Afonso (2005) considera esta técnica bastante verdadeira e fiável, uma vez que a informação obtida não está condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos.

O resultado das observações geralmente tem o formato de registo escrito, realizado pelo investigador. Para que estes registos sejam mais facilmente analisados o observador pode recorrer ao apoio de tabelas/ grelhas de observação. No nosso caso utilizamos um protocolo de observação (apêndice X).

Segundo Bogdan e Biklen (1994) as grelhas de observação são fundamentais para apoiar o investigador, permitindo registar as observações realizadas no campo e acompanhar e chegar a conclusões sobre o desenvolvimento do Estudo de Caso.

Este tipo de técnica foi implementado em três momentos distintos: observação na sala de aula do aluno com paralisia cerebral, observação do almoço do aluno com paralisia cerebral e observação dos intervalos.

4.3. **Análise Documental**

A análise documental é outra das técnicas utilizadas no presente estudo de caso. Esta técnica consiste em analisar, verificar e apreciar documentos com a finalidade de completar e contextualizar algumas das informações obtidas.

Segundo Godoy, (1995) a análise documental é uma das técnicas de maior confiabilidade. Os dados recolhidos na análise documental possibilitam a validação de alguns dados obtidos durante as entrevistas.

No presente estudo de caso iremos utilizar a análise documental com o objetivo de completar algumas das informações obtidas, assim sendo iremos consultar o processo do aluno com paralisia cerebral.

5. Tratamento dos Dados

Segundo Denzin e Lincoln, (1994), os estudos de natureza qualitativa assumem, normalmente, uma grande diversidade de dados e abundante informação que remetem para os investigadores uma tarefa fundamental que é a de assumir o desafio de atribuir sentido ao que aprendeu, a esse conjunto de informações, cuidando de não desperdiçar a riqueza de significados subjacentes.

Após a recolha de todos os dados, iremos proceder ao tratamento dos mesmos, analisando e refletindo sobre todas as informações e respostas facultadas.

No que diz respeito às entrevistas realizadas ao docente titular de turma, ao docente do Ensino Especial, aos docentes das Atividades de Enriquecimento Curricular, à auxiliar de educação e ao encarregado de educação da criança com Paralisia Cerebral, iremos efetuar uma análise de conteúdos, passando pela transcrição na íntegra das gravações de áudio das entrevistas realizadas e por sua vez organização de dados. Posteriormente as entrevistas serão agrupadas, possibilitando a comparação dos dados, através das respostas que nos foram dadas. Por fim iremos registar as conclusões obtidas, após o processo de reflexão.

No que se refere às observações naturalistas, iremos construir um protocolo de observação (apêndice I) onde irão estar as informações mais relevantes. Posteriormente iremos proceder à análise e assim tirar as conclusões sobre cada observação realizada.

Sobre a análise documental, iremos consultar todos os documentos que nos foram facultados por parte da docente titular de turma e encarregado de educação do aluno com Paralisia Cerebral, com o objetivo de explorar a maior quantidade de informação possível e consolidar alguma da informação anteriormente obtida.

Todos os dados obtidos serão alvo de análise de conteúdos e posteriormente sujeitos a triangulação.

Em suma, esperamos que estas formas de análise nos permitam chegar a conclusões e por sua vez encontrar respostas para a questão problema.

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A recolha de dados demonstrou-se fundamental para dar uma resposta adequada e coerente à pergunta de partida do presente estudo de caso: “Quais as boas práticas que motivam a inclusão de um aluno com paralisia cerebral?”.

Como desta questão geral decorrem outras mais específicas orientadoras do estudo, iremos apresentar e analisar os dados de acordo com as mesmas.

Assim sendo segue-se a primeira questão:

- Quais os fatores que promovem a inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral nas atividades realizadas na sala de aula e no meio escolar?

A Leitura ao apêndice III (p.131) referente à análise de conteúdo permite-nos dizer sem sombra de dúvidas que a inclusão do aluno está associada a Boas práticas, as quais englobam diferentes subcategorias como se pode comprovar pela leitura do quadro nº 1.

Uma análise aprofundada aos dados desta categoria demonstra que a escola em causa se considera uma escola inclusiva, que procura desenvolver estratégias e atividades que promovam essa mesma inclusão, apresentadas como as subcategorias com maior número de unidades de registo, nomeadamente a **Cooperação entre todos os intervenientes (9)** e **Interação entre o aluno e seus pares (4)**.

Quadro nº1 – Apresentação dos dados referentes à categoria Boas Práticas

Categoria	Subcategoria	Freq
Boas práticas	Respeito pelas necessidades dos alunos	2
	Sensibilização dos colegas	3
	Cooperação entre todos os intervenientes	9
	Valorização das competências do aluno	2
	Interação entre o aluno e seus pares	4

Os excertos abaixo referenciados e testemunhados também demonstram que os participantes consideram que a escola é uma escola inclusiva e que o aluno está nela incluído .

Sim, considero a presente escola inclusiva.(P1)

Considero que o aluno se encontra devidamente incluído na turma. (P1)

(...) como tal participa eficazmente nas diversas atividades.(P1)

P1 reforça ainda que,

(...) boas práticas de educação inclusiva são aquelas que têm em conta as necessidades especiais de determinado aluno e que quando postas em prática criam as condições para que todos os alunos se sintam integrados numa turma, numa escola. (P1)

P3 defende, *(...) os alunos com Necessidades Educativas Especiais são perfeitamente integrados nas atividades e trabalha-se para a inclusão.*

(...) trabalha-se para a inclusão (P3)

Já P5 refere

Existe o cuidado de integrar o meu filho em todas as atividades que são realizadas (...)

(...) parece-me que as dificuldades que ele apresenta são levadas em conta. (P5)

Os professores procuram que ele aprenda e evolua cada vez mais, ultrapassando as suas dificuldades.(P5)

Podemos observar que referências apresentadas pelos participantes vão de encontro à definição apresentada pela Unesco que diz: Segundo Unesco, (1994) as escolas regulares, com orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes mais discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo uma educação para todos.

Da análise realizada às grelhas referentes à observação em sala de aula (apêndice I, p.89) e nos intervalos (apêndice I, p. 90) foi-nos possível concluir que o aluno com P.C se encontra incluído tanto nas atividades realizadas na sala de aula como nas atividades realizadas no restante meio escolar (intervalos).

Na observação de sala de aula (apêndice I, p.89) foi-nos possível constatar que:

O aluno recebe uma ficha de trabalho e ouve a explicação da professora.

O aluno desenvolve a mesma atividade que os restantes colegas.

Durante a realização da ficha, a professora vai frequentemente junto do aluno.

Participa colocando questões sobre a temática e atividades a desenvolver.

No que concerne o período de intervalo (apêndice I, p.90) foi-nos possível observar que existe interação entre os colegas e o aluno com paralisia cerebral. Assim sendo:

O aluno conversa com os colegas e brinca com eles.

Joga à corda com os colegas. Enquanto os colegas saltam à corda este segura e roda a mesma pois tem dificuldades em saltar.

Participa de forma autónoma e ativa nas brincadeiras e jogos.

(...)

Segundo David Rodrigues (2000), a Educação Inclusiva aposta na escola como comunidade educativa, contemplando um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos.

O autor defende ainda que a escola inclusiva reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhes sentido, dignidade e funcionalidade.

É fundamental que nas salas de aula exista um ambiente inclusivo em que o professor tenha consciência das necessidades de cada aluno, consiga conhecer e responder aos vários ritmos de trabalho e de aprendizagens, organize a sala de forma flexível e equilibrada, use estratégias pedagógicas inovadoras, promova uma total cooperação e respeito pela diferença entre todos os alunos.

As observações que realizámos na sala de aula vão de encontro às referências apresentadas pelo autor acima referido. Dentro da sala de aula existe um ambiente que respeita e valoriza as necessidades do aluno. Estas mesmas necessidades são respeitadas pela professora titular de turma que tenta acompanhar ao máximo o trabalho desenvolvido pelo aluno, respondendo atentamente às suas dúvidas e dificuldades.

Um outro aspeto que considerámos relevante no que concerne às boas práticas que motivam a inclusão refere-se ao facto de toda a equipa educativa trabalhar em conjunto e do encarregado de educação estar bastante presente e atento ao trabalho desenvolvido.

Em suma e de acordo com os dados acima apresentados podemos concluir que os vários intervenientes na comunidade escolar tem o cuidado de incluir e promover a inclusão do aluno com paralisia cerebral, quer na sala de aula quer nas atividades realizadas fora da sala de aula, cooperando entre si.

No que respeita à subcategoria valorização das competências do aluno (apêndice III, p.132) integrada na categoria Boas Práticas, o participante P1 refere que,

Valorizo cada progresso do aluno e reforço positivamente os seus esforços; (P1)
(...) adequo as atividades aos interesses e necessidades do aluno. (P1)

A procura de se realizarem atividades que se adaptem às necessidades do aluno para que este se sinta incluído e motivado, não sentindo distanciamento ou diferença em relação aos restantes colegas é uma prática constante na presente escola.

O participante P5 afirma que:

A escola tem feito todos os esforços para que o meu filho tenha todos os apoios (...)

Verificamos ainda que existe a boa prática de sensibilizar e despertar os colegas de escola para as limitações do aluno, aceitando-as com grande naturalidade e interagindo diariamente com o colega.

Ainda no domínio da inclusão (apêndice III, p. 131), na categoria boas práticas e respetivas subcategorias sensibilização dos alunos e interação entre o aluno e seus pares os participantes referem,

Aquando da abordagem à área curricular não disciplinar, Formação Cívica, trato várias temáticas como: a amizade, o respeito pela diferença, o companheirismo, partilha, entre outros. (P1)

Os colegas têm conhecimento de que o aluno usa uma tala no pé para se deslocar melhor (P1)

Sempre existiu o cuidado em explicar aos colegas que o meu filho tinha limitações mas que era igual às outras crianças (...) (P5)

P3 refere,

(...) caso seja necessário os colegas estão sempre disponíveis para ajudar.

Por sua vez P6 reforça,

(...) tanto nos almoços como nos intervalos está com os colegas e brincam sem se verificar qualquer tipo de diferenças ou problemas demais.

Ainda, na categoria boas práticas, subcategoria cooperação entre todos os intervenientes (apêndice III, p. 132) com uma frequência de 9, o participante P1 afirma que:

Estabeleço estreita cooperação e articulação com a equipa educativa: professores, psicólogos, técnicos; (P1)

(...) os pais vêm frequentemente à escola. Tomam conhecimento das estratégias e métodos de ensino e adequam esse conhecimento na realização de trabalhos de casa e de outras atividades. Existe um trabalho de cooperação. (P1)

No que concerne a P2 afirma que,

(...) existe articulação a nível da preparação e sugestão de atividades, métodos de trabalho e avaliação.

Os excertos testemunham o grande empenho e cooperação da parte da equipa de intervenção de forma a motivar o aluno , levando-o a evoluir diáriamente, explorando e valorizando as suas capacidades.

Podemos afirmar que a presença e a constante cooperação do (P5) encarregado de educação/ pais do aluno é uma mais valia, pois não só acompanham o trabalho desenvolvido pelos técnicos como procuram reforçar e motivar esse mesmo trabalho em casa.

Segundo Brandão (2007), é imprescindível a parceria entre pais/ encarregados de educação e professores, para a construção de comunidade inclusivas.

Brandão defende ainda que a comunicação com os pais/ encarregados de educação é imprescindível para o envolvimento ativo destes nas atividades pedagógicas, na promoção do desenvolvimento e da inclusão social dos seus filhos, devendo os professores fornecer informações adequadas e úteis, visando uma maior dinâmica quer a nível familiar, quer a nível do processo educativo dos alunos.

Considerando que a paralisia cerebral acompanha a criança durante toda a sua vida e geralmente requer uma adaptação e uma formação no sentido de atingir a autossuficiência, é fundamental que exista um trabalho de total cooperação entre técnicos, professores, educadores e encarregados de educação, promovendo uma efetiva estimulação nas diversas áreas, desenvolvendo as capacidades gerais e a qualidade de vida da criança com paralisia cerebral.

O acima apresentado permite-nos responder, para além da primeira pergunta, a dois dos objetivos definidos para este estudo – Saber quais as boas práticas que motivam a inclusão de um aluno com paralisia cerebral e identificar os fatores de inclusão na comunidade escolar.

Pelos dados apresentados podemos dizer que toda a comunidade escolar se empenha em incluir o aluno, nomeadamente a professora titular de turma (P1) que procura promover atividades que incluam o aluno e sensibilizem os restantes alunos da turma para que aceitem de forma natural as limitações e dificuldades do colega.

Um outro fator promotor de inclusão incide na valorização das competências e aprendizagens realizadas pelo aluno. É fundamental a existência de reforço positivo por parte dos vários intervenientes da comunidade escolar.

Para uma verdadeira inclusão é necessário que a escola se adapte às necessidades do aluno o que nos conduz à segunda questão:

Será que as atividades desenvolvidas são adaptadas às necessidades do aluno com paralisia cerebral?

A resposta a esta questão é encontrada pela análise aos dados apresentados no quadro referente às categorias **Adequações ao desenvolvimento de práticas educativas e Atividades de Enriquecimento Curricular** (apêndice III, p.133).

Podemos verificar, numa análise detalhada efetuada ao quadro nº 2 que há adequações de práticas educativas quer a nível técnico, pela adaptação curricular nas áreas do Português e Matemática (3 unidades de registo) quer em termos de materiais (4 unidades de registo).

Quadro nº 2 – Apresentação dos dados referentes às categorias **Adequações ao desenvolvimento de práticas educativas e Atividades de Enriquecimento Curricular**

Categoria	Subcategoria	Freq	Categoria	Subcategoria	Freq
Adequações ao desenvolvimento de práticas educativas	Técnicos	3	Atividades de Enriquecimento Curricular	Participação	1
	Adaptações Curriculares Português e matemática			Diferenciação de atividades	2
	Materiais Disponibilizado	4		Convívio	4
	Não disponibilizados	1			
	Software específico				

Sobre as adequações curriculares P1 refere que

O aluno em causa beneficia de adaptações curriculares.

Estas adaptações são mais evidentes nas áreas de Português e Matemática. (P1)

Nas restantes áreas, partilha o mesmo currículo que os colegas. (P1)

A adequação das atividades é valorizada pela maioria dos participantes dizendo que as atividades desenvolvidas são adaptadas às necessidades do aluno como testemunha os trechos de P1 e P3

(...) adequo as atividades aos interesses e necessidades do aluno e comunico o mais frequentemente possível com os pais do aluno. (P1)

O aluno está incluído em todas as atividades (...) (P3)

(...) parece-me que as dificuldades que ele apresenta são levadas em conta. P5

(...) tem evoluído bastante graças a todo o ambiente e apoio que lhe é proporcionado e ao trabalho que é desenvolvido na escola. (P5)

No que concerne à categoria Atividades Extracurriculares, presente no quadro 2, podemos verificar que a subcategoria convívio é a que obtém um maior número de frequências (4). Isto demonstra que a criança se encontra adaptada às atividades, assim como aos colegas que desenvolvem as atividades com ele.

Um outro esforço feito pela escola prevê que sejam disponibilizados ao aluno apoios que lhe permitam desenvolver as suas capacidades e acompanhar os seus colegas.

A partir da análise do apêndice III (p.133), com o domínio recursos, categoria adequação ao desenvolvimento de práticas educativas com uma frequência de 8, podemos concluir que P1 refere,

(...) no caso concreto deste aluno considero ter os recursos necessários para desenvolver as aprendizagens.

Por sua vez P4 reforça

(...) o que tento fazer é adaptar os materiais que tenho às necessidades do aluno.

O professor de educação especial (P2) destaca no entanto que as atividades e a adaptação das mesmas poderia ser mais dinâmica se existisse uma maior diversidade de material e se lhe fosse disponibilizada uma maior carga horária para trabalhar com o aluno.

Sinto necessidade de beneficiar de outros recursos, nomeadamente, software educativo de apoio à leitura, escrita e cálculo. (P2)

Semanalmente trabalho com o aluno durante 5h. (P2)

Uma vez por semana, num período de 5 horas. (P2)

A carga horária mostra-se totalmente insuficiente perante as necessidades do aluno. (P2)

Podemos verificar as afirmações acima referidas a partir das respostas dadas pelos participantes quer a nível positivo quer a nível negativo.

Também nas atividades de enriquecimento curricular é registado essas adaptações embora seja mais valorizado o convívio entre pares.

Podemos concluir que o aluno também participa ativamente nas atividades de enriquecimento curricular e que sempre que necessário estas são adaptadas às suas necessidades.

Sobre esta matéria (P3) demonstra ter uma opinião mais fundamentada.

(...)o aluno pode fazer atividades diferentes das que faz na sala de aula com a professora titular de turma. (P3)

(...) desenvolvendo competências noutros domínios e com outros professores. (P3)

Geralmente o aluno consegue realizar as mesmas atividades que os restantes colegas, tanto a nível da pintura, dramatização, música ou flauta. Pode sentir maior ou menor dificuldade mas realiza as mesmas atividades. (P3)

Por sua vez P4 defende que

Permite ao aluno conviver com os colegas num ambiente mais dinâmico e realizar atividades novas e diferentes.

O aluno é muito esforçado, porém sinto necessidade de adaptar atividades, por exemplo, quando são exercícios com saltos, corrida, ultrapassa obstáculos, entre outros. (P4)

P5 reforça ainda que

O meu filho participa nas A.E.C – Inglês, ginástica e Atividades Lúdico Expressivas.

As atividades são muito importantes. (P5)

Da análise às grelhas referentes à observação em sala de aula, intervalo e almoço apêndice I (p.89), foi-nos possível constatar que o aluno com paralisia cerebral realiza as mesmas atividades que os restantes colegas e que as mesmas são adaptadas às suas necessidades e ao ritmo de trabalho.

Na sala de aula foi-nos possível observar que,

O aluno desenvolve a mesma atividade que os restantes colegas.

O aluno termina a ficha algum tempo após os seus colegas.

No período do intervalo foi-nos possível observar que o aluno,

Joga à corda com os colegas. Enquanto os colegas saltam à corda este segura e roda a mesma pois tem dificuldades em saltar.

Já no período do almoço foi-nos possível concluir que o aluno tem uma postura igual à dos restantes colegas, assim sendo,

Almoça no mesmo espaço que os restantes colegas.

Senta-se no seu lugar e come de forma autónoma utilizando o mesmo tipo de talheres que os restantes colegas.

No que concerne à adaptação das atividades ao aluno com paralisia cerebral o professor de educação especial (P2) desempenha um papel fundamental e o mais ativo possível tendo um papel de grande destaque, merecendo destaque na categoria - Apoios Prestados como os dados apresentados no quadro nº3 comprovam.

A análise aos dados inscritos no quadro permite-nos constatar que a professora de educação especial é vista como um suporte no processo educativo do aluno e que presta um apoio personalizado ao aluno principalmente dentro da sala. Também podemos verificar que o modelo médico não é muito valorizado no seio da comunidade escolar pois só há uma referência aos apoios terapêuticos.

Quadro nº 3 – Apresentação dos dados referentes à categoria Tipos de apoios prestados

Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Freq
Tipos de Apoios Prestados	Docente de educação especial	Suporte	3
		Apoio personalizado Dentro da sala Fora da sala	4 2
	Auxiliar de Educação	Combater lacunas	2
		Recreio	1
	Apoios terapêuticos		1

A importância do apoio da professora de Educação especial no processo de aprendizagem do aluno também é fundamentada pelos seguintes excertos das participantes:

Quando estou com o aluno desenvolvo atividades a nível da literacia e da numeração.
(P2)

(...) têm-se notado muitos progressos nomeadamente ao nível do Português, Matemática e Estudo do Meio. (P2)

Simplificação de conteúdos, jogos adaptados, novas tecnologias de informação e proporção pedagógica. (P2)

(...) o meu filho tem evoluído bastante nas suas aprendizagens. (P5)

Fora da escola o meu filho frequenta a terapia da fala, 1 hora por semana; hipoterapia. 30 minutos por semana e a fisioterapia, 30 minutos por semana (P5)

P1 refere

O Professo de Ensino especial tem a máxima importância no desenvolvimento das competências do aluno(...) (P1)

(...) conhece bem as especificidades do aluno e direcciona o seu trabalho nesse sentido. Desempenha um papel fundamental. (P1)

Para além do pouco tempo de apoio disponibilizado ao aluno, uma outra lacuna que se pode verificar na organização da escola refere-se ao facto de apenas o professor de educação especial ter formação para trabalhar com o aluno com paralisia cerebral e dos recursos existentes serem limitados.

Apesar dos restantes intervenientes na equipa educativa demonstrarem grande interesse e procurarem diariamente combater e ultrapassar as dificuldades do aluno não têm uma formação específica na área da educação especial.

É fundamental que nas salas de aula exista um ambiente inclusivo em que o professor tenha consciência das necessidades de cada aluno, consiga conhecer e responder aos vários ritmos de trabalho e de aprendizagens, organize a sala de forma flexível e equilibrada, use estratégias pedagógicas inovadoras, promova uma total cooperação e respeito pela diferença entre todos os alunos. (David Rodrigues, 2000)

Muñoz e al (1997, in Bautista, 1997), defende ainda, ser fundamental que a criança com paralisia cerebral participe em todas as atividades escolares e receba tratamento e acompanhamento adequado a nível da terapia da fala, fisioterapia e terapia ocupacional.

Segundo os excertos acima apresentados podemos concluir que o aluno com paralisia cerebral desenvolve a maioria das atividades que os restantes colegas, sempre que existe necessidade as atividades realizadas são adaptadas às necessidades do aluno.

Verificamos que existe uma grande cooperação entre toda a equipa de trabalho, nomeadamente professor titular de turma, professor de educação especial e professores das atividades de enriquecimento curricular para que o aluno acompanhe todas as atividades.

A destacar que estas atividades poderiam ser mais dinâmicas e apelativas caso existisse uma maior diversidade de materiais e uma maior disponibilidade de tempo de trabalho.

A análise dos dados referentes a esta segundo questão permitiu-nos responder a mais um dos objetivos propostos no nosso estudo de caso: Analisar a concordância entre a adaptação das atividades às necessidades do aluno.

No que se refere à terceira questão: **Será que a organização da escola é facilitadora de inclusão?** foi-nos possível chegar a algumas conclusões a partir da análise detalhada de alguns conteúdos das entrevistas às participantes.

Assim sendo é possível verificar quer no apêndice III (p.129) quer no quadro nº 4, no domínio da inclusão, na categoria de escolas inclusivas que os diferentes participantes concordam que a presente escola é inclusiva e que existe uma organização que se preocupa com a promoção de inclusão.

Quadro nº 3 – Apresentação dos dados referentes à categoria Inclusão do aluno na escola

Categoria	Categoria	Freq
Inclusão do aluno na escola	Realidade	4
	Pilar para o desenvolvimento da criança	2
	Barreiras Falta de recursos especializados	3
	Pouco tempo de apoio	1
	Atitudes positivas	8
	Participação na Turma de referência	10
	Promoção de autonomia -	2

Apesar dessas afirmações os dados inseridos no quadro referente aos dados da categoria inclusão do aluno na escola não demonstram haver alguma medida organizativa específica para a inclusão do aluno. Mostra-nos sim que a participação na turma de referencia com 10 frequências é valorizada o que parece ser mais um indicador do clima de escola do que de organização de escola uma vez que a segunda subcategoria com mais unidades de registo é a referente a – Atitudes Positivas com 8 frequências.

Os excertos das entrevistas às participantes vão ao encontro desta nossa dedução:

P3 refere que

Sim, considero a presente escola inclusiva.

(...) trabalha-se para a inclusão. (P3)

(...) os alunos com Necessidades Educativas Especiais são perfeitamente integrados nas atividades (P3)

P4 destaca que

(...) as atitudes do aluno penso que refletem (a boa inclusão). (P4)

P5 diz

A escola tem feito todos os esforços para que o meu filho tenha todos os apoios (...) (P5)

Existe uma grande colaboração da parte de todos, professores, auxiliares e colegas de escola. (P5)

Tem evoluído bastante graças a todo o ambiente e apoio que lhe é proporcionado e ao trabalho que é desenvolvido na escola. (P5)

Um dos indicadores que poderá fundamentar medidas organizativas da escola em prol da inclusão é o facto de o horário prever tempo para reuniões de cooperação entre os vários intervenientes da equipa educativa de forma a organizarem atividades conjuntas que permitam desenvolver as capacidades do aluno e incluir o aluno nas atividades realizadas pelos restantes colegas. Existe ainda o cuidado de discutir as avaliações do aluno e partilhar a evolução do aluno com o encarregado de educação como o indica P1

Estabeleço estreita cooperação e articulação com a equipa educativa: professores, psicólogos, técnicos;

(...) existe um trabalho de preparação e sugestão de atividades para o aluno, troca de impressões e cooperação no processo de avaliação.(P1)

(...) os pais vêm frequentemente à escola. Tomam conhecimento das estratégias e métodos de ensino e adequam esse conhecimento na realização de trabalhos de casa e de outras atividades. Existe um trabalho de cooperação. (P1)

P2 destaca que

(...) existe articulação a nível da preparação e sugestão de atividades, métodos de trabalho e avaliação.

Ao analisarmos as referências feitas por alguns dos participantes em relação ao processo de cooperação e avaliação do aluno foi-nos possível concluir que existe uma lacuna no que concerne à efetiva participação dos professores de enriquecimento curricular. Ambos referiram que não trocam ideias com a restante equipa educativa e na maioria das situações não procuram estabelecer comunicação com a professora titular de turma.

Levando em conta que o aluno com paralisia cerebral participa ativamente nas atividades de enriquecimento curricular consideramos fundamental a sua comunicação e trabalho de cooperação com a restante equipa educativa.

P3 afirma

(...) não recorri pois não senti essa necessidades.

P4 reforça a ideia referindo que

(...) até agora nunca recorri pois não senti essa necessidade.

Um outro aspeto positivo que podemos referir em relação à organização da escola refere-se ao cuidado que existiu desde o pré-escolar em manter o aluno na sua turma base facilitando a sua inclusão.

Assim sendo o processo de adaptação e inclusão do aluno quer na escola quer na turma torna-se mais fácil.

Podemos verificar este aspeto no apêndice III (p.133), com a categoria perceção do encarregado de educação na subcategoria confiança na adaptação.

P5 refere assim,

Em relação á adaptação não senti muitos receios pois ele frequentava o pré-escolar e os colegas de sala iriam continuar a ser os mesmos, assim como o espaço, pois a pré-escola e a escola partilham o mesmo espaço.

Infelizmente esta realidade apenas se contata em relação aos colegas de turma, de escola e ao professor de educação especial pois a sua professora titular de turma nem sempre foi a mesma o que não permite realizar um trabalho contínuo.

Ao analisarmos o categoria Inclusão do aluno na Escola com a subcategoria barreiras e a sub subcategoria falta de recursos especializados podemos observar que P5 refere,

Os professores titulares nem sempre são os mesmos não sendo possível desenvolver um trabalho contínuo. (P5)

(...) Não há meios técnicos nem humanos para que isso aconteça. (P5)

Segundo Souza (2005) a escola surge como um núcleo protetor onde, com a ajuda de todos, podemos criar um ambiente efetivamente inclusivo através da ajuda de todos os intervenientes. A sociedade por vezes é cruel ao olhar para uma pessoa com um conjunto de características diferentes das de “pessoas reconhecidas socialmente como «normais» ou seja, com saúde” identificando-a como “não normal / não eficiente” ou seja deficiente.

É importante que a escola inclua sem que exista diminuição da qualidade de ensino. A atenção à diversidade deve ser uma realidade.

A escola deverá, ainda, proporcionar ao aluno com paralisia cerebral, apoio direto e constante de uma equipa Multidisciplinar composta por professores/ educadores, encarregado de educação, técnicos e profissionais de saúdes especializados.

Segundo Moura (2006) a tecnologia proporciona à escola uma infinidade de recursos que poderão proporcionar um ensino criativo e eficiente, favorecendo a integração educativa e social dos alunos com paralisia cerebral.

Em suma podemos concluir que apesar da escola ter o cuidado de ter atitudes de colocar em prática algumas medidas organizativas facilitadoras de inclusão seria importante rever algumas das lacunas acima referidas garantido ao aluno um melhor e

maior desenvolvimento das suas aprendizagens e uma inclusão mais evidente, em especial para a equipa educativa que trabalha diariamente com o aluno com paralisia cerebral.

De acordo com Mutaner (2000) a implementação de um currículo flexível que se adeque às necessidades de cada aluno e que ofereça estratégias alternativas que se adaptem às diferentes capacidades e níveis de aprendizagem, deve ser um dos primeiros procedimentos a realizar no processo de ensino-aprendizagem na escola inclusiva.

Mutaner (2000) reforça ainda, que é fundamental fomentar um currículo flexível, que se adeque às diferentes necessidades dos alunos, procurando estratégias alternativas que permitam a sua adaptação às diferentes capacidades e níveis de aprendizagem,

A flexibilidade curricular pressupõe a aplicação e adaptabilidade do currículo às necessidades e características de cada um, através de um conjunto de medidas denominadas por adaptações curriculares (Correia, 2001).

Relativamente à quarta e última questão: Será que existe uma verdadeira inclusão do aluno na comunidade escolar? Podemos verificar, numa análise detalhada efetuada ao conteúdo do quadro apresentado acima, que tem como grande categoria Inclusão do Aluno na Escola que a maioria dos pontos de vista são positivos, considerando a existência de uma verdadeira inclusão na comunidade escolar.

Assim sendo nas subcategorias realidade, atitudes positivas, participação na turma de referência e promoção de autonomia podemos as seguintes unidades de registo

(...) as atitudes do aluno penso que refletem (a boa inclusão). P4,

P3 refere que,

trabalha-se para a inclusão.

É uma criança feliz, bem-disposta, alegre (...) (P3)

(...) dá-se bem com todos os professores, colegas e a auxiliares. (P3)

P5 reforça que,

Existe o cuidado de integrar o meu filho em todas as atividades que são realizadas (...)

(...) parece-me que as dificuldades que ele apresenta são levadas em conta. (P5)

A escola tem feito todos os esforços para que o meu filho tenha todos os apoios (...)
(P5)

(...) tem evoluído bastante graças a todo o ambiente e apoio que lhe é proporcionado e ao trabalho que é desenvolvido na escola. (P5)

P1 considera que,
(...) o aluno se encontra devidamente incluído na turma.

No que se refere aos colegas de escola existe um reforço positivo que nos permitiu verificar que o aluno se encontra verdadeiramente incluído nos diferentes ambientes disponibilizados pela comunidade escolar

No apêndice III (p.132) , ainda no domínio inclusão, categoria boas práticas e subcategoria interação entre o aluno e os seus pares P1 refere,

(...) apoiam-no sempre que é necessário.

No que se refere a P3
(...) caso seja necessário os colegas estão sempre disponíveis para ajudar.

Por sua vez P6 reforça que
(...) tanto nos almoços como nos intervalos está com os colegas e brincam sem se verificar qualquer tipo de diferenças ou problemas demais.

A análise às grelhas de observação apêndice I (p.89) permitem-nos reforçar os pontos de vista em relação à inclusão do aluno na comunidade escolar.

Assim sendo podemos referir que nos intervalos (apêndice I, p.90) o aluno:
Conversa com os colegas e brinca com eles.

Revela alegria e satisfação.

Participa de forma autónoma e ativa nas brincadeiras e jogos.

Comunica e sorri constantemente.

No que se refere aos períodos de almoço (apêndice I, p.91) o aluno com paralisia cerebral também demonstrar estar devidamente incluído, estando bastante à vontade.

Senta-se juntamente com os restantes colegas e almoça com os mesmos.

Conversa calmamente com os colegas durante as refeições.

Almoça no mesmo espaço que os restantes colegas.

Senta-se no seu lugar e come de forma autónoma utilizando o mesmo tipo de talheres que os restantes colegas.

Respeita as regras que lhe são impostas durante a refeição e aceita as repreensões que lhe são feitas.

No que se refere às atividades de enriquecimento curricular também foi possível concluir que o aluno desenvolve um papel bastante ativo e participativo nas a mesmas.

Segundo o apêndice III (p.134) com a categoria atividades de enriquecimento curricular e as subcategorias participação e convívio podemos concluir que:

- *O aluno participa ativamente em todas as atividades extracurriculares. (P1)*
- *Geralmente o aluno consegue realizar as mesmas atividades que os restantes colegas, tanto a nível da pintura, dramatização, música ou flauta. Pode sentir maior ou menor dificuldade mas realiza as mesmas atividades. (P3)*
- *O meu filho participa nas A.E.C – Inglês, ginástica e Atividades Lúdico Expressivas. As atividades são muito importantes. (P5)*

No que diz respeito a participante P2 (professor de educação especial) podemos concluir que existe o cuidado de realizar atividades com o aluno que sejam semelhantes às realizadas pelos restantes colegas e sempre que possível as mesmas são desenvolvidas na própria aula de aula. Assim sendo o aluno não só realiza as mesmas atividades como partilha das mesmas condições que a restante turma.

Por conseguinte P2 refere,

(...) existe articulação a nível da preparação e sugestão de atividades, métodos de trabalho e avaliação.

Em suma foi-nos possível concluir que o aluno se encontra verdadeiramente incluído na comunidade escolar. Foi-nos possível verificar que o aluno participa de forma ativa tanto nas atividades de sala de aula como nas restantes atividades como intervalos,

períodos de almoço e atividades extracurriculares. Através das observações realizadas foi-nos possível concluir que existe o cuidado, por parte dos vários intervenientes da comunidade escolar, de garantir que o aluno se sinta útil, incluído e feliz.

A frisar que a inclusão só se deve considerar verdadeira se existir uma perspetiva de incluir o aluno tanto na sala de aula com nas restantes atividades, oferecendo oportunidades de igualdade e promovendo uma inclusão ativa na sociedade.

“ A Escola Inclusa é a que se preocupa com todos os alunos que, independentemente do motivo, experimentam barreiras à participação e à aprendizagem, com o objetivo de equipar todas as pessoas com habilidades necessárias para construírem sociedades inclusivas.” (Booth e Ainscow, 2002. P37)

O aparecimento da escola inclusiva, oferece às crianças com N.E.E a visibilidade necessária para que possam ser vistas e consideradas seres humanos com a mesma igualdade de direitos e de oportunidades que os restantes.

“... o que é bom para os alunos com Necessidades Educativas Especiais, é bom, para todos os outros.” (European Agency for Development in Special Needs Education, 2005C, p.4)

6.1 Reflexão dos dados apresentados

Após a análise das principais questões que motivaram este estudo de caso, cabe nos agora verificar se esta análise vai de acordo aos objetivos específicos traçados.

O primeiro objetivo refere – Conhecer a Inclusão do aluno com Paralisia Cerebral nas atividades de sala de aula. Através do presente estudo foi nos possível verificar que o aluno realiza as mesmas atividades dos colegas, no entanto algumas atividades têm que ser adaptadas às suas necessidades.

No que concerne ao segundo objetivo – Analisar a concordância entre a adaptação das atividades às necessidades do aluno, foi nos possível confirmar que as atividades são adaptadas às necessidades do aluno pela docente titular de turma, com a ajuda do docente de educação especial, uma vez que a docente não possui formação nesta área. Assim o docente de educação especial ajuda-a a preparar algumas fichas, utilizando os símbolos pictográficos, na área da Língua Portuguesa. Da parte dos professores das atividades de enriquecimento curricular também existiu um feedback positivo, no que se refere à adaptação das atividades, tendo os professores esse cuidado na planificação das atividades.

No último objetivo específico – Identificar os fatores de inclusão na comunidade escolar podemos mencionar que para além da adaptação das atividades, que foram mencionadas anteriormente, constatámos também que a equipa educativa desempenha um papel bastante ativo, tendo o cuidado de se encontrar frequentemente para avaliar a evolução do trabalho e preparar o material necessário. Visto que o aluno frequenta as atividades de enriquecimento curricular, os docentes responsáveis pelas mesmas, estão despertos para a realidade do aluno, no entanto não existe qualquer partilha de informações com a docente titular de turma. Os colegas da escola também estão bastante sensibilizados para a problemática do aluno, ajudando-o, adaptando os jogos e agindo de forma natural com ele. No que diz respeito à auxiliar de educação esta apesar de não ter formação a este nível, consegue dar resposta às necessidades do aluno nos intervalos e no período das refeições. Por último é também bastante importante referir o papel ativo do encarregado de educação, que está constantemente em contacto com os professores, motiva o aluno e procura reforçar em casa as atividades realizadas na escola.

Relativamente ao objetivo geral deste estudo – Conhecer as Boas Práticas na Inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral pensamos que estas estão presentes: no

envolvimento do aluno em todas as atividades que se desenvolvem no contexto escolar, na **cooperação estreita** entre professora titular, professora de educação especial e encarregado de educação, colaboração essa que se estende embora com menos incidência ao auxiliar de ação educativa, na **sensibilização dos alunos para as competências do seu colega com PC**, na **adaptação das atividades às competências do alunos**, na **sensibilização dos seus colegas...** Tudo o que acabámos de apresentar contribui para que o aluno desempenhe um papel bastante ativo na comunidade escolar, demonstrando ser uma criança feliz.

Em suma pudemos concluir que apesar de haver um ou outro aspeto que se possa melhorar futuramente, a nível da formação, dos materiais..., no geral pudemos dizer que existem Boas Práticas que motivam a verdadeira inclusão do aluno com Paralisia Cerebral.

Face ao apresentado em ambas as partes deste estudo consideramos que recolhemos dados para sugerir uma proposta de intervenção que facilite o trabalho da docente titular de turma, dando-lhe conhecimentos a nível dos símbolos pictográficos, assim como outra proposta que vise sensibilizar a comunidade local para a problemática da inclusão.

7 - Proposta de Intervenção

Ao longo da tese verificamos que os agentes educativos que convivem com o aluno no seu dia-a-dia, fazem de tudo para o conseguirem incluir em todas as atividades realizadas no meio escolar, tentando ultrapassar ao máximo as dificuldades e necessidades existentes.

No entanto a maioria destes agentes educativos não têm formação adequada para lidar com crianças com paralisia cerebral. Foi-nos possível constatar que apenas o professor de educação especial tem uma formação específica na área. Assim sendo, considerámos que quando da inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral seria importante que todos os agentes educativos tivessem acesso a algumas ações de formação, no sentido de adquirirem conhecimentos sobre o assunto para mais facilmente cooperarem entre si, sem se tornarem muito dependentes de um elemento.

É certo que o professor de educação especial tenta orientar regularmente os restantes agentes através de sugestão de atividades e partilha de ideias mas consideramos que ações de formação permitiriam um diálogo mais aprofundado e uma colaboração para além das sugestões de um e seguimento dos outros, tornando-se sem dúvida, uma mais-valia.

No que concerne a uma segunda atividade, esta pretende desenvolver um convívio entre todos os alunos da escola, da referida aldeia, e a restante comunidade envolvente visando a sensibilização para a realidade que é a inclusão.

Assim este plano consiste numa ação de formação dada pelo docente de educação especial e por técnicos ligados à problemática da paralisia cerebral, como s terapeutas, que serão convidados a partilhar os seus conhecimentos com os agentes educativos que não possuem formação para trabalhar com estes alunos; e de uma atividade realizada em conjunto com todos os alunos da escola e a restante comunidade envolvente

Planificação

Depois de ter realizado uma análise a todos os dados recolhidos ao longo do estudo de caso, sobre o aluno com Paralisia Cerebral, através da observação naturalista e das entrevistas, verificou-se que apesar do esforço feito pelos agentes educativos para incluir estes alunos, o que têm conseguido fazer com sucesso, a maioria dos agentes educativos

que trabalham com este aluno com paralisia cerebral, não possuem formação específica para trabalhar com este aluno, logo seria importante colmatar esta lacuna.

Assim, estas planificações foram elaboradas com base na importância de se adquirir conhecimentos para se conseguir desenvolver um bom trabalho com alunos com necessidades semelhantes ao do caso em estudo e para sensibilizar toda a comunidade.

A tabela seguinte mostra os vários elementos que fazem parte da planificação da proposta de intervenção.

PLANIFICAÇÃO

Ação	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Atividades/Estratégias	Calendarização	Recursos	Avaliação
- Formação dos agentes educativos	- Desenvolver competências a todos os agentes educativos, sobre como devem trabalhar e interagir com os alunos com Paralisia Cerebral	<ul style="list-style-type: none"> - Partilhar conhecimentos sobre a problemática da paralisia cerebral. - Proporcionar competências ao nível da ação educativa direta com alunos com paralisia cerebral em contexto individual e de turma. - Desenvolver competências ao nível da planificação de atividades, 	<ul style="list-style-type: none"> - O docente de educação especial e os profissionais convidados referem alguma informação sobre a problemática da paralisia cerebral. - Analisam as necessidades educativas mais vulgares encontradas em alunos com esta problemática e referem algumas estratégias de intervenção e os principais recursos a utilizar. - Constroem e partilham materiais. - Planificam atividades para colocar em prática com alunos com problemática motora cerebral a nível individual e com a turma. - Debatem sobre os conhecimentos adquiridos. 	- Primeiro mês do ano letivo- 1 vez por semana, durante 3 horas por dia.	<ul style="list-style-type: none"> - Docente titular de turma; - Docente de educação especial; - Auxiliares de educação; - Terapeutas. 	- Portefólio sobre as atividades.

		estratégias e recursos materiais.				
Ação	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Atividades/Estratégias	Calendarização	Recursos	Avaliação
-Convívio comunitário.	- Promover o convívio entre todos os alunos da escola e restante comunidade local destacando a inclusão.	<p>- Envolver o aluno com paralisia cerebral nas atividades artísticas, em conjunto com os colegas e os membros da comunidade.</p> <p>- Promover a interação de grupo.</p> <p>-Envolver toda a comunidade em várias atividades para proporcionar o convívio e inclusão entre todos.</p>	<p>- Realização de atividades que:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Envolvam a dança; *Explore o corpo; *Explore jogos tradicionais; * Pintura com recurso a vários materiais. 	- Uma vez por mês.	<p>- Todos os agentes educativos;</p> <p>- Os alunos;</p> <p>- Diversos materiais</p> <p>- Comunidade.</p>	- Análise dos registos em grelha de observação, dos comportamentos e do trabalho realizado.

Considerações Finais

O presente estudo analisa a problemática das Boas Práticas na Inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral numa escola do 1º Ciclo do ensino regular, do distrito de Beja.

Assim sendo procura-se verificar quais são as boas práticas na inclusão do aluno com Paralisia Cerebral inserido numa turma do segundo ano de escolaridade.

No que diz respeito a esta temática destacaram-se a análise documental, as entrevistas aos docentes, auxiliar de educação e encarregado de educação e as observações realizadas no intervalo, na sala de aula e no refeitório. Através da recolha destas informações procurámos dar resposta a questões a nível da inclusão e adaptação das atividades ao aluno, da sensibilização relativamente aos colegas e aos agentes educativos, da inclusão do aluno na comunidade escolar e do papel desempenhado pelo encarregado de educação.

Relativamente à análise crítica da bibliografia relativa a esta temática é possível afirmar que todas as crianças têm direito a uma igualdade de oportunidades. Assim sendo é importante que as suas limitações sejam valorizadas, no sentido de as tentar colmatar o máximo possível, para que consiga acompanhar o trabalho dos colegas. É importante que estas crianças estejam incluídas em turmas regulares, desde que hajam condições para que estas consigam ter um bom desempenho escolar e uma verdadeira inclusão.

Nesse sentido procurou-se orientar este estudo empírico de forma a confirmar quais as boas práticas na inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral.

Ao longo desta tese encontrámos um conjunto de fatores que considerámos serem boas práticas na inclusão do aluno com Paralisia Cerebral. O aluno começou por beneficiar de uma intervenção precoce no jardim de infância. Quando ingressou no 1º Ciclo do Ensino Básico passou a ter um acompanhamento por parte de um professor de educação especial. Pensamos que estes apoios permitiram desenvolver as suas competências facilitando a inclusão na turma de trabalho.

Verificou-se que as atividades desempenhadas pelo aluno são adaptadas às suas necessidades e previamente preparadas pela equipa educativa, nomeadamente pela docente titular de turma e o docente de educação especial.

Atestou-se que o aluno também participa ativamente nas atividades de enriquecimento curricular e que os professores estão sensibilizados para as necessidades do aluno.

No que concerne aos colegas foi-nos possível destacar que existe um trabalho de sensibilização por parte da professora titular de turma e dos restantes professores da escola. A destacar o facto de estes alunos terem começado o seu percurso escolar em comum, desde o jardim de infância, facilitando o convívio e a aceitação da diferença.

Relativamente à auxiliar de educação foi-nos possível constatar que, apesar de não ter formação e de ser o seu primeiro ano nesta escola e a desempenhar estas funções, se relacionava bem com o aluno, estando sempre atenta às necessidades do mesmo.

Por fim destacamos o papel ativo do encarregado de educação que procura vários meios que permitam ao aluno ser o mais ativo possível, quer a nível da comunidade escolar, quer a nível da comunidade local. Para além disso também procura motivar o aluno e fazer um reforço positivo das várias atividades desenvolvidas na escola.

Em jeito de conclusão resta nos dizer que o aluno beneficia de um conjunto de boas práticas que nos permitem afirmar que se encontra verdadeiramente incluído. Assim sendo consideramos que esta é uma escola inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aicardi (1992). *Desease of the nervous system in childhooh*. London: Mac Keith Press.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Porto, Edições ASA.
- Bautista, R. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bobath, K. (1966). *The motor deficit in patients with cerebral palsy* (p1).
- Bodgan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora. Heinemam, *Medical Books Ltd.*, London.
- Booth, T.& Ainscow,M. (2002). *Index for Inclusion. Developing learning and participation in schools*. (M.P. Santos, Trad.) Manchester: Center for Studies on Inclusion Education.
- Brandão, M.T. (2007).*Inclusão de Crianças com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E) na Creche e no Jardim Infantil – Elementos de Sucesso*.
- Brazelton, B. e Cramer. B. (1989) *A relação mais precoce*. Lisboa: Editora Terramar.
- Castillo, A., (1986). *Manual De Evaluacion E Intervencion Psicologia En Necessidades Educativas Especiales* – Universidade de Granada.
- Chomsky, N. (1994). *O Conhecimento e a Língua. Sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho.
- Correia, L. M. (2003) *Educação Especial e Inclusão*. Porto: Ed. Porto Editora.
- Correia, L. M. (2001) *Educação Inclusiva ou Educação Inclusiva Apropriada*. In Rodrigues, D. (org), *Educação e Diferença. Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L.M. (2005). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Porto: Porto Editora.
- Costa, N. F. (2000) *Contributos da equitação adaptada para a promoção do autoconceito em portadores de PC: estudo comparativo com praticantes de outras modalidades desportivas*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Denzin, N.; Lincoln, Y. (Eds.) (1994): *Handbook of Qualitative Research*. Califórnia:Sage

- Diogo, J.M.L (1998). *Parceria Escola – Família – A caminho de uma Educação Participada*. Porto: Porto Editora
- European Agency for Development in Special Needs Education (2005 C). *Educação Inclusiva e Práticas de Sala de Aula nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico*.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos em Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Freitas, H., Muniz, J. R. (2008). Análise Quali ou Quantitativa de Dados Textuais. Revista *Quanti & Quali*
- Godoy, A. S.. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo.
- Hirose, T & Ueda, R (1990) Long- Term Follow- up Study of Cerebral Palsy Children and Coping Behaviour of Parents. *Journal of Advanced Nursing*.
- Koliadis, E (2000) Desenvolvimento Curricular e Integração: Boas Práticas e Tendências Futuras. In Rodrigues, D. Seminário Europeu Hélios. *Escola e Integração na Europa: Valores e Práticas*. Cruz Quebrada.
- Lima- Rodrigues, A. M, Trindade, A.R, Rodrigues, D., Colôa, J., Nogueira, J.H.. (2007). *Percursos de Educação Inclusiva em Portugal*. Cruz Quebrada.
- Menezes, I. (1990) Desenvolvimento no contexto Familiar.. In Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens. Universidade Aberta.
- Monreal, S., Santos, J. Hernández, R. & Cuenca, A. (1995), *Deficiência Auditiva, Aspectos Psicoevolutivos y Educativos*. Granada: Ediciones Aljibe.
- Moura M.B. (2006) *As tecnologias de Informação e Comunicação no Apoio a Alunos do Ensino Básico com P.C*. Universidade do Minho.
- Muñoz, Y. L.G, et Al. *Deficientes Motores II: Paralisia Cerebral* in Bautista, Rafael (Coord) (1997), *Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa, Dinalivro.
- Mutaner, J.J. (2000), La Igualdade de Oportunidades en la Escuela de la Diversidad. *Professora, Revista de Curriculum y Formación del Profesorado*. Koliadis .
- Nielsen (1999) *Necessidades Educativas Especiais*: Porto Editora, Volume 3.
- Nogueira, C. (2009). *Educação Especial- Comunicar com Crianças com Paralisia Cerebral*. Editorial: Novembro.

- Pereira, F. (1996). *As representações dos Processos de Educação Especial e as Necessidades das Famílias*. Edições do Secretariado Nacional de Reabilitação.
- Perez, M. R. & Lopez, E.D. (1992), *Curriculum Y Aprendizaje: Un Modelo de Diseno Curricular de Aula en el Marco de Reforma*. Pamplona: ITACA.
- Ramos, N. (1987b). *Para um Melhor Acolhimento da Criança Deficiente*. Revista Portuguesa de Pedagogia. Porto.
- Relvas, A.P. (1996). *O Ciclo Vital da família. Perspetiva Sistemática*. Porto. Edições Afrontamento.
- Ribeiro, A.C. (1990). *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora.
- Rodrigues, D. (2000). *O Paradigma de Educação Inclusiva – Inclusão1*. Porto: Porto Editora.
- Santarosa, L.; Conforto, D.; Passerino, L.; Carneiro, M. L.; Galler, Me; Estabel, L. (2010). *Tecnologias Digitais Acessíveis*. Porto Alegre:
- Serra, H. (Coord.) (2008) *Estudos em Necessidades Educativas Especiais – Domínio Cognitivo*. Gailivro: 1º Edição
- Shonkoff, J.P., Hauser – Cram, P., Krauss,M.W & Upshur, C.C. (1992). *Developement of Infants With Disabilities and their Families: Implications for Theory and Service Delivery*. Monographs of the Society for Research in Child Development.
- Souza, C. (2005). *Conceção do Professor sobre o Aluno com Sequela de Paralisia Cerebral e sua Inclusão no Ensino regular*. Rio de Janeiro- Brasil. Universidade do Estado de Rio de Janeiro – Faculdade de Educação.
- Tetzchner S. V; Martinsen, H. (2000). *Introdução à Comunicação Aumentativa e Alternativa*. Porto: Porto Editora.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. (2ª Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications
- Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Rio Tinto: Edições ASA.

Legislação

- Declaração de Salamanca (1994), Declaração Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e qualidade.
- Decreto – Lei nº 319/91
- Decreto – Lei nº 3/2008 de 07/01/2008
- Decreto – Lei nº 35/90
- Lei nº49 /2005 de 30 de agosto de 2005. Lei Base do Sistema Educativo.

APÊNDICE I

ANÁLISE DO PROTOCOLO DAS OBSERVAÇÕES NATURALISTAS

Análise do Protocolo das Observações Naturalistas

Categoria	Sub-categoria	Comportamentos observados	Notas complementares e inferências
- Caracterizar o aluno (B) em situação de sala de aula.	- Socialização - Atividades - Comportamentos Positivos	- Toca nos colegas com a mão para lhes chamar a atenção e depois fala baixinho com eles. - Quando está mais afastado de algum colega olha para o mesmo, ri-se abana a cabeça na sua direção. - Os colegas respondem com gestos ou verbalmente às suas indicações. - O aluno recebe uma ficha de trabalho e ouve a explicação da professora. - O aluno desenvolve a mesma atividade que os restantes colegas. - O aluno observa a ficha de trabalho. - O aluno põs o dedo no ar e questionou a professora. - A professora responde ao aluno com uma frase - O aluno realiza a ficha de trabalho. - Durante a realização da ficha, a professora vai frequentemente junto do aluno - O aluno termina a ficha algum tempo após os seus colegas. - Participa colocando questões sobre a temática e atividades a desenvolver.	- O aluno interage com os colegas de forma regular - Os colegas interagem com o aluno respondendo com gestos ou verbalmente às suas indicações - O aluno ouve atentamente a professora na apresentação da temática e da atividade a desenvolver. - Faz a mesma atividade que os restantes colegas. - Demonstra interesse. - Ouve as indicações da professora. - Durante a realização da ficha a professora procura acompanhar o trabalho do aluno. - Realiza as atividades calmamente e com atenção. - O aluno tem o seu próprio ritmo de trabalho. - O aluno coloca uma dúvida à professora. A professora por sua vez esclarece o aluno de forma simples e clara. - Revela interesse, motivação e empenho.

	- Comportamentos Negativos	<ul style="list-style-type: none"> - Por vezes o aluno conversa com o colega do lado. - Fala com os outros. - Faz gestos - Fica absorto - Põe o dedo no ar, não lhe dão logo a vez para falar começa a vocalizar alto e faz gestos 	<ul style="list-style-type: none"> - Distrai-se. - Quando faz alguma intervenção para colocar dúvidas ou partilhar alguma ideia é impulsivo, não gosta de esperar. .
--	----------------------------	---	---

Categoria	Sub-categoria	Comportamentos observados	Notas complementares e inferências
- Caracterizar o aluno (B) em situação de intervalo.	<ul style="list-style-type: none"> - Socialização - Atividades 	<ul style="list-style-type: none"> -Conversa com os colegas e brinca com eles. - Joga às escondidas com os colegas. - Joga à bola com os colegas realizando pequenos passes ou ficando na baliza. - Joga à corda com os colegas. Enquanto os colegas saltam à corda este segura e roda a mesma pois tem dificuldades em saltar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interage com os colegas conversando com eles e partilhando brincadeiras. - Quando jogam com a corda o aluno fica a segurar e a rodar a corda pois tem dificuldade em saltar. - Os colegas estão em constante interação com o colega com paralisia cerebral, encontram soluções para o incluir em todas as brincadeiras, jogos e atividades, conseguindo contornar as suas limitações e dificuldades

	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamentos Positivos 	<ul style="list-style-type: none"> - Revela alegria e satisfação. - Participa de forma autónoma e ativa nas brincadeiras e jogos. - Comunica e sorri constantemente. - Mostra alegria e satisfação. - Toma iniciativa nos jogos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os colegas estão despertos para a realidade do aluno. - Esta em constante interação. - Mostra alegria e satisfação. - Sugere jogos e brincadeiras. - É autónomo.
	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamentos Negativos 	<ul style="list-style-type: none"> - Fica amuado quando não fazem o que ele quer 	<ul style="list-style-type: none"> - Não aceita o facto de ser contrariado em alguma brincadeira.

Categoria	Sub-categoria	Comportamentos observados	Notas complementares e inferências
- Caracterizar o aluno (B) em situação de almoço.	- Socialização	- Senta-se juntamente com os restantes colegas e almoça com os mesmos. Conversa calmamente com os colegas durante as refeições.	- Interage com os colegas
	- Atividades	- Almoça no mesmo espaço que os restantes colegas. - Senta-se no seu lugar e come de forma autónoma utilizando o mesmo tipo de talheres que os restantes colegas.	- Almoça com os restantes colegas. - O aluno é bastante autónomo e esforçado.
	- Comportamentos Positivos	- Come sozinho utilizando corretamente os talheres Tenta partir a carne - Respeita as regras que lhe são impostas durante a refeição e aceita as	- Evita pedir ajuda às auxiliares, só o faz em último caso. - Revela esforço, satisfação e autonomia. - Respeita as regras.

	- Comportamentos Negativos	repreensões que lhe são feitas. - Distrai-se facilmente a conversar com os colegas.	- Distrai-se facilmente.
Categoria	Sub-categoria	Comportamentos observados	Notas complementares e inferências
- Caracterizar a professora titular de turma em situação de sala de aula.	- Socialização - Atividades - Comportamentos Positivos - Comportamentos Negativos	- Fala frequentemente com o aluno. - Propõe as atividades incluindo sempre o aluno. - Acompanha o aluno durante a realização das atividades. - Coloca questões ao aluno com paralisia cerebral. - A professora está atenta. - Respeita o ritmo de trabalho do aluno. - Permite que o aluno exponha as suas ideias. - Faz reforço positivo das ideias apresentadas pelo aluno com paralisia cerebral de forma a motivá-lo. - Durante o período de observação não se destacou nenhum comportamento negativo.	- Interage com o aluno. - Realiza atividades que incluam o aluno. - Promove inclusão e em interação com o aluno garantindo que este se sente incluído na turma e que acompanha a atividade. - Interage com o aluno. - Motiva o aluno. - Respeita o ritmo de trabalho do aluno.

Categoria	Sub-categoria	Comportamentos observados	Notas complementares e inferências
- Caracterizar a auxiliar de educação	- Socialização	<ul style="list-style-type: none"> - Interage com o aluno frequentemente, comunicando e acarinhando o mesmo. - Chama o aluno calmamente à razão quando este comete erros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interage com o aluno.
	- Atividades	<ul style="list-style-type: none"> - Serve a refeição ao aluno. - Ajuda o aluno a ultrapassar alguma dificuldade, como subir e descer as escadas. - Interage com o aluno nos intervalos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Serve a refeição. - Vigia os intervalos.
	- Comportamentos Positivos	<ul style="list-style-type: none"> - Interage com o aluno. - Fala atenciosamente com o aluno. - Permite que o aluno seja autónomo, apesar de estar sempre atenta e desperta. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interage com o aluno. - Dá-lhe atenção. - Permite que o aluno seja autónomo.

APÊNDICE II

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Guião de Entrevista à Docente Titular de Turma

Tema: Boas práticas na inclusão de um aluno com paralisia cerebral

Objetivos gerais:

- Conhecer a perceção dos agentes educativos face à inclusão do aluno com paralisia cerebral;
- Conhecer quais as boas práticas na inclusão do aluno com paralisia cerebral.

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Formulação de questões	Observações
- Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado 		<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo de caso. - Pedir a sua colaboração. - Informar e assegurar sobre a confidencialidad e da entrevista. - Informar acerca da possibilidade de verificar sempre a transcrição da entrevista no final 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevista foi realizada num ambiente calmo e sem interferência . - Foi estabelecido um clima de empatia entre o entrevistado e o entrevistador
- Caraterização da entrevistada	- Recolher dados sócio profissionais		<ul style="list-style-type: none"> - Questionar formação em exercício. - Questionar a idade. - Identificar a formação inicial. - Identificar o tempo de serviço. 	

<p>- A inclusão numa escola de ensino regular.</p>	<p>- Conhecer a perceção da docente titular de turma face à inclusão e às escolas inclusivas.</p> <p>- Conhecer a perceção da docente sobre boas práticas de educação inclusiva.</p> <p>- Conhecer as estratégias utilizadas pela docente para promover a inclusão do aluno no meio escolar.</p> <p>- Reconhecer se as estratégias de inclusão são devidamente aplicadas.</p>	<p>- Inclusão</p> <p>- Boas práticas inclusivas</p> <p>- Estratégias de inclusão</p> <p>- Estratégias de inclusão</p>	<p>- O que pensa sobre a inclusão e as escolas inclusivas?</p> <p>- O que considera serem boas práticas de educação inclusivas?</p> <p>- Quais as estratégias que utiliza para promover a inclusão do aluno com paralisia cerebral no meio escolar?</p> <p>- Na sua opinião as respostas e atitudes do aluno com paralisia cerebral refletem a aplicação de boas práticas inclusivas?</p>	
--	---	---	---	--

<p>- Promoção da amizade entre o aluno com paralisia cerebral e os colegas</p>	<p>- Reconhecer se o aluno se encontra incluído na turma.</p>	<p>Inclusão na turma</p>	<p>- O aluno encontra-se incluído na turma?</p>	
	<p>- Questionar a professora sobre o que faz para promover a amizade entre alunos.</p>	<p>- Interação</p>	<p>- Quais as estratégias que utiliza para promover a amizade entre o aluno com paralisia cerebral e os colegas?</p>	
	<p>- Saber de que forma os colegas se encontram sensibilizados para a problemática do aluno com paralisia cerebral.</p>	<p>- Sensibilização</p>	<p>- Os colegas estão despertos e sensibilizados para as limitações e necessidade do colega com P.C?</p>	
<p>- Nível de participação dos pais/encarregado de educação no processo educativo do aluno.</p>	<p>- Saber qual o nível de participação dos pais/encarregados de educação no</p>	<p>- Pais/Encarregados de Educação</p>	<p>- Os pais/encarregado de educação participam ativamente no processo</p>	

<p>- Currículo específico ou currículo de turma.</p> <p>- Recursos disponibilizados ao aluno com paralisia cerebral.</p> <p>- Atividades promotoras do desenvolvimento do aluno com paralisia cerebral.</p>	<p>processo educativo do aluno.</p> <p>- Investigar sobre qual o tipo de currículo do qual o aluno beneficia.</p> <p>- Saber se os recursos existentes são suficientes para desenvolver as aprendizagens do aluno com paralisia cerebral.</p> <p>- Indagar sobre as atividades realizadas pelo aluno afim de desenvolver as suas potencialidades.</p>	<p>- Currículo</p> <p>- Recursos utilizados</p> <p>- Atividades</p>	<p>educativo do aluno com P.C?</p> <p>- No que se refere ao currículo, o aluno com P.C partilha do mesmo que os restantes colegas ou beneficia de adaptações curriculares? Se sim, quais?</p> <p>- Considera ter recursos necessários para desenvolver novas aprendizagens com o aluno com paralisia cerebral?</p> <p>- Que tipo de atividades realiza para desenvolver as potencialidades do aluno com</p>	
---	---	---	---	--

<p>- Importância do Professor de Educação Especial.</p>	<p>- Saber se ao aluno participa nas atividades extra-curriculares.</p> <p>- Saber qual a importância do professor de educação especial no desenvolvimento do aluno.</p> <p>- Saber se existe cooperação entre o professor titular e o professor de educação especial.</p>	<p>- Atividades extra-curriculares</p> <p>- Importância</p> <p>- Cooperação</p>	<p>paralisia cerebral?</p> <p>- O aluno participa nas atividades extra-curriculares? (A.E.C, festas, saídas)</p> <p>- Na sua opinião qual a importância do professor de educação especial no desenvolvimento da criança com P.C?</p> <p>- Existe trabalho de cooperação entre si e o professor de educação especial?</p>	
<p>- Finalização da entrevista</p>	<p>- Agradecimentos</p>		<p>- Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.</p>	

Guião de Entrevista ao Docente de Educação Especial

Tema: Boas práticas na inclusão de um aluno com paralisia cerebral

Objetivos gerais:

- Conhecer a perceção dos agentes educativos face à inclusão do aluno com paralisia cerebral;
- Conhecer quais as boas práticas na inclusão do aluno com paralisia cerebral.

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Formulação de questões	Observações
- Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado 		<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo de caso. - Pedir a sua colaboração. - Informar e assegurar sobre a confidencialidad e da entrevista. - Informar acerca da possibilidade de verificar sempre a transcrição da entrevista no final 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevista foi realizada num ambiente calmo e sem interferência. - Foi estabelecido um clima de empatia entre o entrevistado e o entrevistador
- Caracterização da entrevistada	- Recolher dados sócio profissionais		<ul style="list-style-type: none"> - Questionar formação em exercício. - Questionar a idade. - Identificar a formação inicial. - Identificar o tempo de serviço. 	

- A inclusão numa escola de ensino regular.	<p>- Conhecer a perceção do docente de educação especial face à inclusão e às escolas inclusivas.</p> <p>- Conhecer a perceção do docente sobre boas práticas de educação inclusiva.</p> <p>- Reconhecer se as estratégias de inclusão são devidamente aplicadas.</p>	<p>- Inclusão</p> <p>- Boas práticas inclusivas</p> <p>- Estratégias de inclusão</p>	<p>- O que pensa sobre a inclusão e as escolas inclusivas?</p> <p>- O que considera serem boas práticas de educação inclusiva?</p> <p>- Na sua opinião as respostas e atitudes do aluno com paralisia cerebral refletem a aplicação de boas práticas inclusivas?</p>	
- Métodos utilizados para desenvolver as competências do aluno com paralisia cerebral.	- Saber quais os métodos de trabalho utilizados pelo docente de	- Métodos de trabalho	- Quais os métodos que utiliza para desenvolver as competências do aluno com	

<p>- Recursos disponibilizados ao aluno com paralisia cerebral</p> <p>- Apoios prestados ao aluno com paralisia cerebral.</p>	<p>educação especial.</p> <p>- Saber se os recursos existentes são suficientes para desenvolver as aprendizagens do aluno com paralisia cerebral.</p> <p>- Compreender o apoio que é dado por parte do docente de educação especial.</p> <p>- Saber qual o tempo disponibilizado para prestar apoio ao aluno.</p> <p>- Saber se o docente de educação especial considera suficiente o apoio</p>	<p>- Recursos utilizados</p> <p>- Apoio do docente de educação especial</p> <p>- Tempo de apoio disponibilizado o</p> <p>- Apoio disponibilizado o</p>	<p>paralisia cerebral?</p> <p>- Beneficia de todos os recursos, que considera necessários, para desenvolver essas mesmas competências?</p> <p>- Em que consiste o apoio por ai prestado ao aluno?</p> <p>- Com que frequência dá apoio ao aluno com paralisia cerebral?</p> <p>- Considera suficiente o apoio prestado para motivar e desenvolver adequadamente as competências do aluno com</p>	
---	---	--	--	--

<p>- Atividades promotoras do desenvolvimento do aluno com paralisia cerebral.</p> <p>- Cooperação entre o docente de educação especial e o docente titular de turma.</p>	<p>disponibilizado ao aluno.</p> <p>- Saber o local onde o docente de educação especial dá o seu apoio.</p> <p>- Saber quais vantagens da escolha do docente de educação especial, no que concerne ao local onde é dado apoio.</p> <p>- Indagar sobre as atividades realizadas pelo aluno afim de desenvolver as suas potencialidades .</p> <p>- Saber se existe cooperação entre o docente</p>	<p>- Local onde o docente de educação especial dá apoio</p> <p>- Vantagens do local onde é dado apoio</p> <p>- Atividades</p> <p>- Cooperação</p>	<p>paralisia cerebral?</p> <p>- Costuma dar apoio ao aluno dentro ou fora da sala de aula?</p> <p>- Quais as vantagens que encontra sobre a sua opção?</p> <p>- Que tipo de atividades realiza para desenvolver as potencialidades do aluno com paralisia cerebral?</p> <p>- Existe trabalho de cooperação entre si e o docente titular de turma?</p>	
---	---	---	---	--

	titular e o docente de educação especial.			
- Finalização da entrevista	- Agradecimentos		- Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	

Guião de Entrevista à Docente de Atividades Lúdico Expressivas

Tema: Boas práticas na inclusão de um aluno com paralisia cerebral

Objetivos gerais:

- Conhecer a perceção dos agentes educativos face à inclusão do aluno com paralisia cerebral;
- Conhecer quais as boas práticas na inclusão do aluno com paralisia cerebral.

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Formulação de questões	Observações
- Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado 		<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo de caso. - Pedir a sua colaboração. - Informar e assegurar sobre a confidencialidade da entrevista. - Informar acerca da possibilidade de verificar sempre a transcrição da entrevista no final 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevista foi realizada num ambiente calmo e sem interferência. - Foi estabelecido um clima de empatia entre o entrevistado e o entrevistador
- Caracterização da entrevistada	- Recolher dados sócio profissionais		<ul style="list-style-type: none"> - Questionar formação em exercício. - Questionar a idade. - Identificar a formação inicial. - Identificar o tempo de serviço. 	

<p>- A inclusão numa escola de ensino regular.</p>	<p>- Conhecer a percepção da docente de atividades lúdico expressivas face à inclusão.</p> <p>- Saber se a docente considera a escola, em causa, inclusiva.</p> <p>- Reconhecer se as estratégias de inclusão são devidamente aplicadas.</p>	<p>- Inclusão</p> <p>- Escola inclusiva</p> <p>- Estratégias de Inclusão</p>	<p>- Qual a sua perspetiva sobre a inclusão?</p> <p>- Considera a presente escola inclusiva?</p> <p>- Na sua opinião as respostas e atitudes do aluno com paralisia cerebral refletem a aplicação de boas práticas inclusivas?</p>	
<p>- Importância das Atividades de Enriquecimento Curricular</p>	<p>- Saber qual a opinião da docente de A.L.E quanto a participação do aluno com paralisia</p>	<p>- Atividades de Enriquecimento Curricular</p>	<p>- Considera benéfico para o aluno com paralisia cerebral a sua participação nas A.E.C?</p>	

<p>- Adaptação de atividades</p> <p>- Materiais alternativos que promovam e facilitem a inclusão do aluno com paralisia cerebral.</p> <p>- Cooperação entre os colegas de turma e o aluno com paralisia cerebral.</p> <p>- Cooperação entre a docente de A.L.E,</p>	<p>cerebral nas A.E.C.</p> <p>- Saber se a docente de A.L.E sente necessidade de adaptar as atividades realizadas.</p> <p>- Indagar a docente sobre a necessidade de utilizar materiais alternativos na realização das atividades.</p> <p>- Indagar a docente sobre a cooperação entre os colegas de turma e o aluno com paralisia cerebral.</p> <p>- Saber se existe</p>	<p>- Atividades</p> <p>- Materiais alternativos</p> <p>- Cooperação</p> <p>- Cooperação</p>	<p>- Tendo em conta as limitações do aluno com paralisia cerebral, sente necessidade de adaptar as atividades desenvolvidas?</p> <p>- Sente necessidade de recorrer a materiais alternativos que facilitem e promovam a inclusão do aluno com paralisia cerebral?</p> <p>- Os colegas ajudam o aluno com paralisia cerebral a realizar as atividades?</p>	
---	---	---	---	--

docente titular de turma e docente de educação especial.	cooperação entre a docente de A.L.E, a docente titular de turma e o docente de educação especial.		- Recorre aos docentes que acompanham o aluno (docente titular de turma e docente de educação especial) para saber quais as estratégias mais adequadas ao aluno com paralisia cerebral?	
- Finalização da entrevista	- Agradecimentos		- Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	

Guião de Entrevista ao Docente de Atividade Física e Desportiva

Tema: Boas práticas na inclusão de um aluno com paralisia cerebral

Objetivos gerais:

- Conhecer a perceção dos agentes educativos face à inclusão do aluno com paralisia cerebral;
- Conhecer quais as boas práticas na inclusão do aluno com paralisia cerebral.

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Formulação de questões	Observações
- Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado 		<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo de caso. - Pedir a sua colaboração. - Informar e assegurar sobre a confidencialidade da entrevista. - Informar acerca da possibilidade de verificar sempre a transcrição da entrevista no final 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevista foi realizada num ambiente calmo e sem interferência. - Foi estabelecido um clima de empatia entre o entrevistado e o entrevistador
- Caracterização da entrevistada	- Recolher dados sócio profissionais		<ul style="list-style-type: none"> - Questionar formação em exercício. - Questionar a idade. - Identificar a formação inicial. - Identificar o tempo de serviço. 	

<p>- A inclusão numa escola de ensino regular.</p>	<p>- Conhecer a percepção do docente atividade física e desportiva face à inclusão.</p> <p>- Saber se o docente considera a escola, em causa, inclusiva.</p> <p>- Reconhecer se as estratégias de inclusão são devidamente aplicadas.</p>	<p>- Inclusão</p> <p>- Escola inclusiva</p> <p>- Estratégias de Inclusão</p>	<p>- Qual a sua perspetiva sobre a inclusão?</p> <p>- Considera a presente escola inclusiva?</p> <p>- Na sua opinião as respostas e atitudes do aluno com paralisia cerebral refletem a aplicação de boas práticas inclusivas?</p>	
<p>- Importância das Atividades de Enriquecimento Curricular</p>	<p>- Saber qual a opinião do docente de A.F.D quanto a participação do aluno com paralisia cerebral nas A.E.C.</p>	<p>- Atividades de Enriquecimento Curricular</p>	<p>- Considera benéfico para o aluno com paralisia cerebral a sua participação nas A.E.C?</p>	

- Adaptação de atividades	- Saber se o docente de A.F.D sente necessidade de adaptar as atividades realizadas.	- Atividades	- Tendo em conta as limitações do aluno com paralisia cerebral, sente necessidade de adaptar as atividades desenvolvidas?	
- Materiais alternativos que promovam e facilitem a inclusão do aluno com paralisia cerebral.	- Indagar o docente sobre a necessidade de utilizar materiais alternativos na realização das atividades.	- Materiais alternativos	- Sente necessidade de recorrer a materiais alternativos que facilitem e promovam a inclusão do aluno com paralisia cerebral?	
- Cooperação entre os colegas de turma e o aluno com paralisia cerebral.	- Indagar o docente sobre a cooperação entre os colegas de turma e o aluno com paralisia cerebral.	- Cooperação	- Os colegas ajudam o aluno com paralisia cerebral a realizar as atividades?	
- Cooperação entre o docente de A.F.D,	- Saber se existe cooperação	- Cooperação		

docente titular de turma e docente de educação especial.	entre a docente de A.F.D, a docente titular de turma e o docente de educação especial.		- Recorre aos docentes que acompanham o aluno (docente titular de turma e docente de educação especial) para saber quais as estratégias mais adequadas ao aluno com paralisia cerebral?	
- Finalização da entrevista	- Agradecimentos		- Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	

Guião de Entrevista ao Encarregado de Educação

Tema: Boas práticas na inclusão de um aluno com paralisia cerebral

Objetivos gerais:

- Conhecer a perceção dos agentes educativos face à inclusão do aluno com paralisia cerebral;
- Conhecer quais as boas práticas na inclusão do aluno com paralisia cerebral.

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Formulação de questões	Observações
- Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado 		<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo de caso. - Pedir a sua colaboração. - Informar e assegurar sobre a confidencialidade da entrevista. - Informar acerca da possibilidade de verificar sempre a transcrição da entrevista no final 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevista foi realizada num ambiente calmo e sem interferência. - Foi estabelecido um clima de empatia entre o entrevistado e o entrevistador
- Caracterização da entrevistada	- Recolher dados sócio profissionais		<ul style="list-style-type: none"> - Questionar formação em exercício. - Questionar a idade. - Identificar a formação inicial. - Identificar o tempo de serviço. 	

- A inclusão numa escola de ensino regular.	<p>- Conhecer a percepção do encarregado de educação face à inclusão.</p> <p>- Saber se o encarregado de educação considera a escola do seu filho inclusiva.</p> <p>- Reconhecer se as estratégias de inclusão são devidamente aplicadas.</p>	<p>- Inclusão</p> <p>- Escola inclusiva</p> <p>- Estratégias de inclusão</p>	<p>- O que pensa sobre a inclusão?</p> <p>- Considera a escola do seu filho inclusiva?</p> <p>- Na sua opinião a evolução do seu filho reflete as boas práticas inclusivas desenvolvidas no meio escolar?</p>	
- O papel da escola	- Saber quais os receios do encarregado de educação quando o seu filho entrou para a escola.	- Receios	- Que receios sentiu com a entrada do seu filho para a escola?	
- Nível de participação dos	- Saber qual o nível de satisfação do	- Aprendizagens adquiridas	- Sente-se satisfeita com as aprendizagens	

<p>pais/encarregado de educação no processo educativo do aluno.</p>	<p>encarregado de educação perante as aprendizagens do aluno.</p> <p>- Saber se o encarregado de educação participa no processo educativo do aluno e de que forma o faz.</p> <p>- Indagar o encarregado de educação sobre o trabalho de consolidação que desenvolve em casa com o aluno.</p> <p>- Saber se o encarregado de educação utiliza os mesmos métodos de trabalho que a docente titular de turma.</p>	<p>- Participação pais/ encarregado de educação</p> <p>- Trabalho desenvolvido em casa</p> <p>- Métodos de trabalho</p>	<p>adquiridas pelo seu filho?</p> <p>- Participa ativamente no processo educativo do seu filho? De que forma?</p> <p>- Tem o hábito de trabalhar em casa com o seu filho visando a consolidação das competências desenvolvidas em ambiente escolar?</p> <p>- Tem o cuidado de utilizar os mesmos métodos de trabalho que a docente titular de turma?</p>	
---	--	---	--	--

<p>- Importância do Professor de Educação Especial.</p>	<p>- Saber qual a importância do professor de educação especial no desenvolvimento do aluno.</p>	<p>- Importância</p>	<p>- Qual a sua opinião no que se refere ao apoio prestado pelo docente de ensino especial?</p>	
<p>- Atividades desenvolvidas pelo aluno com paralisia cerebral</p>	<p>- Saber se o aluno participa ativamente nas atividades realizadas no meio escolar</p>	<p>- Atividades realizadas no meio escolar</p>	<p>- Na sua opinião o seu filho está incluído quer em ambiente de sala de aula, quer nas atividades extra-curriculares?</p>	
	<p>- Saber quais as atividades frequentadas pelo aluno fora do meio escolar.</p>	<p>- Atividades fora do meio escolar</p>	<p>- Para além das atividades escolares o seu filho participa em outras atividades que lhe promovam desenvolvimento ? Quais?</p>	
<p>- Promoção de amizade entre o aluno com paralisia cerebral e os</p>	<p>- Questionar o encarregado de educação sobre a sua perspetiva em relação à</p>	<p>- Interação</p>	<p>- No que se refere aos colegas considera que existe amizade e</p>	

seus colegas de escola.	amizade e inclusão entre os colegas de escola e o aluno com P.C.		uma verdadeira inclusão?	
- Finalização da entrevista	- Agradecimentos		- Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	

Guião de Entrevista ao Auxiliar de Educação

Tema: Boas práticas na inclusão de um aluno com paralisia cerebral

Objetivos gerais:

- Conhecer a perceção dos agentes educativos face à inclusão do aluno com paralisia cerebral;
- Conhecer quais as boas práticas na inclusão do aluno com paralisia cerebral.

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Formulação de questões	Observações
- Legitimação da entrevista	- Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado		- Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo de caso. - Pedir a sua colaboração. - Informar e assegurar sobre a confidencialidade da entrevista. - Informar acerca da possibilidade de verificar sempre a transcrição da entrevista no final	- A entrevista foi realizada num ambiente calmo e sem interferência. - Foi estabelecido um clima de empatia entre o entrevistado e o entrevistador
- Caraterização da entrevistada	- Recolher dados sócio profissionais		- Questionar formação em exercício. - Questionar a idade. - Identificar a formação inicial. - Identificar o tempo de serviço.	

- A inclusão numa escola de ensino regular.	- Conhecer a perceção da auxiliar de educação face à inclusão.	- Inclusão	- O que pensa sobre a inclusão?	
- Formação dos auxiliares de educação	- Saber se a auxiliar de educação fez alguma formação que lhe permita dar o apoio adequado ao aluno.	- Formação	- Fez alguma formação que lhe permita prestar apoio de forma adequada a esta criança?	
- Apoios prestados ao aluno com paralisia cerebral	- Compreender que tipo de apoio é prestado pela auxiliar de educação ao aluno com P.C.	- Apoio da auxiliar de educação	- Que tipo de apoio presta ao aluno com paralisia cerebral?	
	- Saber se a auxiliar presta apoio ao aluno durante o recreio.	- Apoio no recreio	- Dá-lhe apoio no recreio?	
- Refeições do aluno com	- Saber se o aluno almoça	- Refeições	- O aluno almoça na escola? Acompanha o	

paralisia cerebral	na escola e se a auxiliar de educação está presente nesse momento.	-	almoço do aluno?	
- Interação com os colegas	- Indagar sobre o comportamento do aluno durante o período de refeições. - Saber se a auxiliar de educação considera que o aluno se encontra incluído com os restantes colegas.	- Comportamento do aluno com P.C - Interação	- Durante o período de refeições como é o seu comportamento? Que cuidados é necessário ter? - Verifica que o aluno se encontra incluído com os restantes colegas?	
- Finalização da entrevista	- Agradecimentos		- Agradeço a disponibilidade dispensada para a realização desta entrevista.	

APÊNDICE III

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Cate gori a	Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Formação Académica	Inicial	P1	<i>Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico</i>	6
		P2	<i>Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico</i>	
	Licenciatura	P3	<i>/ Ciências da Natureza;</i>	
		P4	<i>12º Ano de escolaridade</i>	
		P5	<i>12º Ano de escolaridade</i>	
	3º ciclo	P6	<i>9º Ano de escolaridade</i>	2
	Complementar especialização em educação especial	P2 P3	<i>Professor de Educação Especial</i> <i>Pós Graduação em educação especial</i>	
Experiência/ Anos de Ensino		P1	<i>15 Anos de serviço</i>	5
		P2	<i>21 Anos de serviço – Educação especial</i>	
		P3	<i>7 Anos de serviço</i>	
		P4	<i>7 meses</i>	
		P6	<i>1 Ano</i>	

DOMÍNIO: Inclusão					
Catego ria	Subcateg oria	Sub Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Representação sobre a inclusão	Importante e benéfica	P1	- A inclusão é determinante (...)	1	
		P2	- (...) a inclusão é muito importante.	1	
		P3	- Concordo com a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais nas salas de ensino regular...	1	
		P4	- Penso que a inclusão seja fundamental para a integração do aluno com deficiência.	1	
		P5	- Eu sou totalmente a favor da inclusão de crianças com necessidades especiais na escola.	1	
		P6	- Eu penso que a inclusão é muito importante e benéfica (...)	1	
	Desenvolvimento harmonioso da criança	P1	- (...) no desenvolvimento harmonioso da criança.	1	
		p2	- (...) a melhor forma de ir ao encontro das necessidades educativas especiais dos alunos.	1	
		P3	- (...) porém tenho consciência que na maioria dos casos não existe uma verdadeira inclusão.	1	

	Inclusão não real	P6	- (...) desde que seja verdadeira e a criança seja acompanhada tanto a nível de aula como a nível de recreio.	1
	Oferece Dúvidas	P5	- O processo de inclusão deveria ser muito bem revisto (...) - As crianças com necessidades educativas não devem ser todas avaliadas da mesma maneira.	2

DOMÍNIO: Inclusão					
Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Inclusão do Aluno na Escola	Realidade		P3	- Sim, considero a presente escola inclusiva.	1
			P4	- De acordo com o que me é possível observar, penso que sim. - as atitudes do aluno penso que refletem (a boa inclusão).	2
			P5	- Sim considero a escola inclusiva.	1
	Pilar para o desenvolvimento da criança		P1	- (...) as escolas inclusivas defendem um importante pilar no que diz respeito ao desenvolvimento da criança com necessidades educativas especiais.	1
			P2	- (...) [para o desenvolvimento da criança] as escolas inclusivas são muito importantes.	1
	Barreiras	Falta de recursos especializados	P5	- (...) penso que as escolas ainda não têm capacidade para receber crianças com problemáticas graves. - (...) Não há meios técnicos nem humanos para que isso aconteça. - Os professores titulares nem sempre são os mesmos não sendo possível desenvolver um trabalho contínuo. - (...) o tempo de apoio poderia ser maior, mas isso já não depende do professor, mas das burocracias do Estado.	4
		Pouco tempo de apoio especializado	P2	- A carga horária mostra-se totalmente insuficiente perante as necessidades do aluno.	1
		Atitudes	P3	- e trabalha-se para a inclusão.	1

	Positivas	P5	<ul style="list-style-type: none"> - Existe o cuidado de integrar o meu filho em todas as atividades que são realizadas (...) - (...) parece-me que as dificuldades que ele apresenta são levadas em conta. - A escola tem feito todos os esforços para que o meu filho tenha todos os apoios (...) - (...) tem esclarecido sempre as outras crianças (...) - (...)ensinando-as a respeitar e a conviver com cada diferença e dificuldade. - Os professores procuram que ele aprenda e evolua cada vez mais, ultrapassando as suas dificuldades. 	6
		P5	<ul style="list-style-type: none"> - Existe uma grande colaboração da parte de todos, professores, auxiliares e colegas de escola. 	1
	Participação na turma de referência	P1	<ul style="list-style-type: none"> - Considero que o aluno se encontra devidamente incluído na turma. - (...) como tal participa eficazmente nas diversas atividades. 	2
		P2	<ul style="list-style-type: none"> - (...) têm-se notado muitos progressos nomeadamente ao nível do Português, Matemática e Estudo do Meio. - Quando estou com o aluno desenvolvo atividades a nível da literacia e da numeração. 	2
		P5	<ul style="list-style-type: none"> - Sim, totalmente. 	1
	Promoção da autonomia	P3	<ul style="list-style-type: none"> - (...) os alunos com Necessidades Educativas Especiais são perfeitamente integrados nas atividades - O aluno está incluído em todas as atividades(...) - (...) está bem integrado na turma. - É uma criança feliz, bem-disposta, alegre (...) - (...) dá-se bem com todos os professores, colegas e a auxiliares. 	5
		P4	<ul style="list-style-type: none"> - O aluno é esforçado e tenta ser o mais autónomo possível. 	1

		P5	- tem evoluído bastante graças a todo o ambiente e apoio que lhe é proporcionado e ao trabalho que é desenvolvido na escola.	1
--	--	----	--	---

DOMÍNIO: Inclusão					
Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Boas Práticas	Respeito pelas necessidades dos alunos		P1	- (...) boas práticas de educação inclusiva são aquelas que têm em conta as necessidades especiais de determinado aluno e que quando postas em prática criam as condições para que todos os alunos se sintam integrados numa turma, numa escola.	1
			P2	- São práticas que respeitam as necessidades educativas especiais dos alunos.	1
	Sensibilização dos colegas		P1	- Aquando da abordagem à área curricular não disciplinar, Formação Cívica, trato várias temáticas como: a amizade, o respeito pela diferença, o companheirismo, partilha, entre outros. - Os colegas têm conhecimento de que o aluno usa uma tala no pé para se deslocar melhor	2
			P5	- Sempre existiu o cuidado em explicar aos colegas que o meu filho tinha limitações mas que era igual às outras crianças (...)	1

Cooperação entre todos os intervenientes	P1	<ul style="list-style-type: none"> - Estabeleço estreita cooperação e articulação com a equipa educativa: professores, psicólogos, técnicos; - (...) comunico o mais frequentemente possível com os pais do aluno. - (...) existe um trabalho de preparação e sugestão de atividades para o aluno, troca de impressões e cooperação no processo de avaliação. - (...) os pais vêm frequentemente à escola. Tomam conhecimento das estratégias e métodos de ensino e adequam esse conhecimento na realização de trabalhos de casa e de outras atividades. Existe um trabalho de cooperação. 	4
	P2	- (...) existe articulação a nível da preparação e sugestão de atividades, métodos de trabalho e avaliação.	1
	P3	- (...) não recorri pois não senti essas necessidades.	1
	P4	- (...) até agora nunca recorri pois não senti essa necessidade.	1
	P5	<ul style="list-style-type: none"> - (...) tento reforçar o que ele aprende diariamente e seguir as orientações da professora e do professor do ensino especial. - Acho que é importante utilizar os mesmos métodos de trabalho e penso que se torna mais fácil trabalhar com o meu filho. 	2
Valorização das competências do aluno	P1	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizo cada progresso do aluno e reforço positivamente os seus esforços; - (...) adequo as atividades aos interesses e necessidades do aluno e 	2
Interação entre o aluno e seus pares	P1	.- (...) apoiam-no sempre que é necessário.	1
	P3	- caso seja necessário os colegas estão sempre disponíveis para ajudar.	1
	P5	Todos os colegas o aceitam bem.	1

		P6	- (...) tanto nos almoços como nos intervalos está com os colegas e brincam sem se verificar qualquer tipo de diferenças ou problemas demais.	1
--	--	----	---	---

Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Perceção do Encarregado de Educação	Participação no processo de inclusão		P5	- (...) considero que participo e apoio ativamente. - Estou frequentemente em contato com os professores para saber como se comporta, como evolui o meu filho e quais as suas dificuldades. - Em casa ajudo-o sempre nos trabalhos de casa e incentivo-o a ter mais interesse pelas atividades realizadas na escola.	3
	Receios Não acompanhar os colegas Não lhe ser facultado as ajudas necessárias		P5	- Eu receava que ele não conseguisse acompanhar os colegas (...) - (...) que não lhes fossem facultados todos os meios e métodos de trabalho para realizar aprendizagens adequadas.	3
	Confiança na adaptação		P5	- Em relação à adaptação não senti muitos receios pois ele frequentava o pré-escolar e os colegas de sala iriam continuar a ser os mesmos, assim como o espaço, pois a pré-escola e a escola partilham o mesmo espaço.	

DOMÍNIO: Recursos					
Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Adequações ao desenvolvimento de práticas	Materiais	Disponibilizados	P1	- (...) no caso concreto deste aluno considero ter os recursos necessários para desenvolver as aprendizagens.	1
			P2	- Simplificação de conteúdos, jogos adaptados, novas tecnologias de informação e proporção pedagógica.	1

		P4	- (...) o que tento fazer é adaptar os materiais que tenho às necessidades do aluno.	1
		P3	O aluno utiliza os mesmos materiais que os restantes colegas de turma.	1
	Não disponibiliza dos Software específico	P2	- sinto necessidade de beneficiar de outros recursos, nomeadamente, software educativo de apoio à leitura, escrita e cálculo.	1
	Adaptações Curriculares Português e matemática	P1	- O aluno em causa beneficia de adaptações curriculares. - Estas adaptações são mais evidentes nas áreas de Português e Matemática. - Nas restantes áreas, partilha o mesmo currículo que os colegas.	3

Categoria	Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Atividades de Enriquecimento Curricular	Participação	P1	- o aluno participa ativamente em todas as atividades extracurriculares.	1
	Diferenciação de atividades	P3	- Considero benéfico (...) - (...)pois o aluno pode fazer atividades diferentes das que faz na sala de aula com a professora titular de turma, - (...) desenvolvendo competências noutros domínios e com outros professores.	3
		P4	- O aluno é muito esforçado, porém sinto necessidade de adaptar atividades, por exemplo, quando são exercícios com saltos, corrida, ultrapassa obstáculos, entre outros.	1
	Convívio	P4	- Permitem ao aluno conviver com os colegas num ambiente mais dinâmico e realizar atividades novas e diferentes.	1
		P5	- O meu filho participa nas A.E.C – Inglês, ginástica e Atividades Lúdico Expressivas. - As atividades são muito importantes.	2

		P3	- Geralmente o aluno consegue realizar as mesmas atividades que os restantes colegas, tanto a nível da pintura, dramatização, música ou flauta. Pode sentir maior ou menor dificuldade mas realiza as mesmas atividades.	1
--	--	----	--	---

DOMÍNIO: Apoios					
Categoria	Subcategoria	Sub Subcategoria	Part	Unidades de registo	Freq
Tipos de Apoios Prestados	Docente de educação especial	Suporte	P1	- O Professo de Ensino especial tem a máxima importância no desenvolvimento das competências do aluno(...) - (...) conhece bem as especificidades do aluno e direciona o seu trabalho nesse sentido. - Desempenha um papel fundamental.	3
			P5	- Tem sido um grande apoio e um grande suporte para o meu filho. - O trabalho que tem desenvolvido tem sido muito importante (...) - (...) o meu filho tem evoluído bastante nas suas aprendizagens.	3
		Apoio personalizado	P2	- Semanalmente trabalho com o aluno durante 5h. - Uma vez por semana, num período de 5 horas. - Desenvolvo atividades de apoio à aprendizagem da leitura, escrita e cálculo. - Dentro e fora da sala de aula, depende das atividades que se estejam a realizar na sala de aula ou que eu pretenda realizar com o aluno. - Ambas as opções podem ser muito práticas, pois revelam vantagens ao trabalhar individualmente determinados conteúdos, fora da sala de aula e em termos de socialização e aprendizagem cooperativa, dentro da sala de aula.	5
		Dentro da sala			
		Fora da sala			

	Auxiliar de Educação	Combater lacunas	P6	- De acordo com as suas necessidades e dificuldades, tento ao máximo combater algumas lacunas (...) - (...) dar resposta aos seus pedidos de ajuda.	2
		Recreio	P6	- No entanto o aluno não pede nada que as outras crianças não possam pedir ou não precisem.	1
	Apoios terapêuticos		P5	- Fora da escola o meu filho frequenta a terapia da fala, 1 hora por semana; hipoterapia. 30 minutos por semana e a fisioterapia, 30 minutos por semana	1

P1 - Professor titular de turma

P2 - Professor de Educação Especial

P3 - Professora de A.L.E

P4- Professor de A.F.D

P5 - E. E

P6- Auxiliar de Educação

